



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**



HELDER FRANCISCO BEZERRA DE BARROS

**A BILDUNG NA EDUCAÇÃO EM HEGEL:
Considerações sobre a apreensão hegeliana da educação e suas possíveis
contribuições à realidade contemporânea**

RECIFE

2021

HELDER FRANCISCO BEZERRA DE BARROS

A BILDUNG NA EDUCAÇÃO EM HEGEL:

Considerações sobre a apreensão hegeliana da educação e suas possíveis contribuições à realidade contemporânea

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Dr. Alfredo de Oliveira Moraes.

**RECIFE
2021**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

B277b Barros, Helder Francisco Bezerra de.
A bildung na educação em Hegel : considerações sobre a apreensão hegeliana da educação e suas possíveis contribuições à realidade contemporânea / Helder Francisco Bezerra de Barros. – 2021.
91 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo de Oliveira Moraes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, Recife, 2021.
Inclui referências e apêndices.

1. Filosofia. 2. Filosofia – Estudo e ensino. 3. Educação. 4. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831. I. Moraes, Alfredo de Oliveira (Orientador). II. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-082)

HELDER FRANCISCO BEZERRA DE BARROS

**A BILDUNG NA EDUCAÇÃO EM HEGEL:
Considerações sobre a apreensão hegeliana da educação e suas possíveis
contribuições à realidade contemporânea**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito para conclusão do Mestrado profissional em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Moraes

DATA DA APROVAÇÃO: 30/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo de Oliveira Moraes (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Marcos Fábio Alexandre Nicolau (Examinador Externo)
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Dedico aos meus pais, Francisco Domingos e Maria Eleuzina, por sempre estarem no apoio e no incentivo das minhas conquistas, as minhas irmãs pela presença e fraternidade e aos professores que ao longo desse tempo foram ponte de construção para o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser a causa e princípio de minha vida. Pois, sem sua presença nenhuma das minhas conquistas teriam êxito.

Agradeço de forma carinhosa a minha família, base do alcance das minhas metas. Sem ela não teria sentido todo sacrifício e dedicação, pois foi a partir dela que aprendi o verdadeiro significado das conquistas, sempre verdadeiras e sinceras, buscadas com humildade, honestidade e esforço próprio.

Agradeço a cada um dos meus professores, que até aqui se fizeram presentes na minha vida, me ensinando as primeiras letras e contínuos parágrafos.

De forma especial ao professor Alfredo de Moraes Oliveira, que com sua simplicidade e paciência nos mostra o verdadeiro valor da vida. A ele minha gratidão e estima. Agradeço ao professor Junot Cornélio de Matos, pelo apoio e orientação, que nos mostra o verdadeiro caminho do compromisso com a educação. A todos os professores que ao longo desse mestrado se fizeram presente com seus ensinamentos e partilha de vida, de modo especial a professora Célia e aos professores Flávio Brayner, Itamar, Sérgio, Marcos Costa, Suzano e todos aqueles que fazem a educação de nosso país.

Por fim, agradeço a todos que passaram por minha vida, que foram exemplos de pessoas a qual pude me espelhar, e hoje já não se fazem mais presentes aqui.

“Feliz de quem tem o coração manso e humilde como o coração de Cristo! Feliz de quem consegue sintonizar sua inteligência à humildade do próprio coração!”

(CÂMARA, 2008, p. 88).

“[...] e que toda a nossa vida não é outra coisa do que aprender a compreender de forma cada vez mais profunda o seu significado e a sua extensão, a vê-los refletidos através de exemplos continuamente renovados e só então saber, de uma forma cada vez mais profunda e detalhada, a grande amplitude de seu significado, o caráter determinado de sua aplicação.”

(HEGEL, 1991, p. 104).

RESUMO

A presente pesquisa objetiva-se em pesquisar a noção do conceito de Educação em Hegel. Para isso, será pesquisada a importância do termo Bildung, sua compreensão e contribuição para formação do homem na contemporaneidade. O problema proposto é a compreensão do termo Bildung e a forma como Hegel propõe o ensino de filosofia na escola e sua noção de educação. Para Hegel, aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, por um processo mediado no qual a figura do mestre é a de figura central, sendo necessária, assim, a passagem do indivíduo pelo processo formativo. Contudo, esse processo formativo se dá por meio da formação do espírito para a razão de si (Bildung) que busca mediante as superações do limite humano alcançar a sua própria autonomia. Em uma sociedade marcada pela precariedade da educação, analisar de forma mais didática novos parâmetros de transformação educacional pode ser um caminho a ser trilhado, tendo aqui como objetivo a participação do ensino de filosofia nessa busca de superação da realidade atual. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de método hipotético-dedutivo, com estudo de campo por meio de intervenção e ações concretas de análise e exploração bibliográfica, a fim de compreender o alcance e a percepção das mudanças causadas pelo pensamento hegeliano em uma educação contemporânea. Por meio dessa reflexão, denotamos os motivos para uma análise do pensamento hegeliano e as possibilidades de contribuição para os desafios atuais da educação, bem como para a formação de uma sociedade ética, livre e feliz.

PALAVRAS-CHAVE: Bildung; Educação; Ensino de Filosofia; Formação. Hegel.

ABSTRACT

This research aims to research the notion of the concept of Education in Hegel. For this, the importance of the term Bildung, its understanding and contribution to the formation of man in contemporaneity will be researched. The problem proposed for the understanding of the term Bildung and the way in which Hegel proposes the teaching of philosophy at school and his notion of education. For Hegel, learning is learning from someone, through someone, through a mediated process in which the figure of the master is the central figure, thus, the individual's passage through the formative process is necessary. However, this formative process takes place through the formation of the spirit for a reason for itself (Bildung) that seeks, through overcoming the human limit, to reach its own autonomy. In a society marked by the precariousness of education, analyzing, in a more didactic way, new parameters of educational transformation can be a path to be followed, with the objective here of the participation of the teaching of philosophy in this search for overcoming difficulties of the current reality. As for the methodology, it is a research using a hypothetical-deductive method, with field study through intervention and concrete actions of bibliographic analysis and exploration, in order to understand the scope and perception of the changes caused by Hegelian thinking in an education contemporary. Through this reflection, we denote the reasons for an analysis of Hegelian thought and the possibilities of contributing to the current challenges of education, as well as to the formation of an ethical, free and happy society.

KEYWORDS: Bildung; Education; Teaching of Philosophy; Formation. Hegel.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A BILDUNG NA EDUCAÇÃO EM HEGEL.....	16
2.1	A Noção de Educação em Hegel.....	16
2.2	O Conceito de Bildung.....	21
2.3	O Reino da Bildung e a Formação do Espírito.....	26
3	O ESPÍRITO EDUCANDO PARA RAZÃO DE SI.....	32
3.1	A Educação do Homem no Espírito.....	32
3.2	A Bildung como Suprassunção da Paideia Grega.....	38
3.3	A Formação do Espírito na Bildung Moderna.....	44
4	HEGEL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	50
4.1	A Essência como Fundamento da Formação Humana.....	50
4.2	Educação, Família e Estado.....	55
4.3	Contribuições Hegeliana na Formação Escolar.....	59
5	INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	64
5.1	Introduzindo a Temática Proposta.....	64
5.2	Aplicação Metodológica.....	68
5.3	Avaliando a Intervenção.....	76
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85
	APÊNDICE A – AULA 1: FELICIDADE	89
	APÊNDICE B – AULA 2: LIBERDADE	90
	APÊNDICE C – AULA 3: A VIDA	91

1 INTRODUÇÃO

O homem é um ser em formação. Todo processo formativo requer antes de tudo a busca pela completude, ou como dizia os gregos antigos, a busca pela excelência. Pensar a formação do homem nos dias atuais não é uma tarefa fácil, pois, as múltiplas possibilidades de existência exigem um olhar atento às diferenças e desigualdades vivenciadas por várias camadas da sociedade.

Desde o advento das civilizações a educação é objeto de análise e reflexão. Se olharmos para a história da filosofia encontraremos desde os filósofos pré-socráticos a preocupação por uma formação humana e a busca por respostas, seja ela da educação natural, seja pelo processo formativo pensado pelo próprio homem.

O que dizer então de Sócrates, educando em praça pública. Julgado por permitir que os jovens atenienses da sua época tivessem acesso a uma educação para a autonomia. Nesse contexto, ressalta-se a importância da educação na sociedade ateniense dirigida para a formação humana e para uma organização política democrática, no entanto, sua configuração não fugia da divisão de classes. Homens livres, artesões e escravos formavam as camadas sócias de Atenas. A grande contribuição socrática está justamente nesse contexto, na luta pela qual visa colocar o homem como centro da vida pública, e assim, promover uma emancipação intelectual e social entre as camadas sociais. Ninguém nasce para ser escravo, a educação antes de tudo é libertadora. É nesse contexto de libertação para o pensar que Sócrates estabelece sua própria pedagogia, ainda que lhe custasse a vida.

Platão e Aristóteles são outros dois divisores de águas. Cada qual com a sua linha de pensamento. Platão seguindo os passos do seu mestre Sócrates, buscando concretizar uma educação da palavra, do diálogo. Aristóteles, o educador pé no chão, tendo como base a educação para a vida feliz. Ambos contribuindo com o processo educativo, que pode ser encontrado até hoje nas mais modernas formas de educar.

A Idade Medieval apresentou sua contribuição através da querela entre Fé e Razão. Uma educação para o alto. Entre a dicotomia Fé e Razão está a intencionalidade formativa da educação medieval na formação de consciências. A igreja católica foi a principal detentora dessa educação e tanto na Alta Idade Média

(séc. V – X), quanto na Baixa Idade Média (séc. X – XV), por meio da Patrística e da Escolástica, a igreja se manteve à frente da defesa e moldes da formação humana.

A Idade Moderna apresenta as rupturas do período medieval. A educação moderna traz consigo a ciência, os avanços das visões de mundo fechadas, a superação do homem submisso e a possibilidade do ser livre, esclarecido e racional.

O mundo contemporâneo nos chega cheios de dúvidas. Muitas são as abordagens educacionais, no entanto poucas são as respostas para uma formação sólida, capaz de contornar os problemas sociais, políticos e econômicos enfrentados na atualidade. Além disso, a educação tem sido vista como parâmetro de submissão. Usa-se a educação como fim próprio, determinado, sem abertura da autorreflexão e do pensamento livre. O retrocesso é um caminho tortuoso e a educação morre em trabalho de parto.

Na atualidade, o ensino educacional tem passado por uma transformação constante em busca de alcançar e corresponder às expectativas educacionais, bem como, das demandas sociais, muitas vezes agarradas a políticas públicas vazias, sem valorização concreta de uma educação para a liberdade. Em nosso sistema educacional o ensino de filosofia só se torna obrigatório a partir do ensino médio, e isso só veio acontecer a partir de 2008, depois de muitas lutas e conquistas por parte dos educadores.

O ensino de filosofia no Ensino Fundamental Anos Finais, do 6º ao 9º ano, não se encontra inserida nas políticas públicas de formação educacional. Só é possível encontrar iniciativas de introdução a filosofia nesse segmento a partir de algumas realidades isoladas, mesmo assim sem nenhuma obrigatoriedade curricular. Um aspecto importante da introdução da filosofia ainda nos anos finais do ensino fundamental é a contribuição da filosofia no processo formativo dos alunos.

A filosofia em sua essência tem por realidade desenvolver a reflexão crítica, estabelecer paradigmas e rupturas frente a construção de um pensamento autônomo e livre, e contribuir na formação de cidadãos comprometidos com os valores humanos, indispensáveis para uma mudança na visão de mundo. Além do que, é visível a importância com a qual o ensino de filosofia na educação fundamental se apresenta. A multidisciplinariedade exige uma compreensão de mundo voltada para a formação do aluno em sua totalidade, com uma finalidade para a formação ética, cultural, que vise o bem comum e que acima de tudo

contribua para uma formação integral do ser humano com a sociedade a qual está inserido.

Com todas essas demandas educacionais é imprescindível o ensino de filosofia no ensino fundamental II, haja vista a necessidade de inclusão de uma formação educacional de qualidade e de um planejamento didático efetivo, capaz de contribuir de forma abrangente no processo de ser humano autônomo e crítico e na busca por uma transformação social concreta e eficaz.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo germânico, também vivenciou em sua vida docente a escuridão de uma educação vazia, sem perspectiva. Seus olhos estavam voltados ao progresso, à superação das amarras absolutistas e a uma proposta de educação para a vida.

Hegel defendia que nenhuma sociedade se sustenta sem o auxílio da educação. Para ele a educação é a manifestação prática da razão que busca por meio da formação alcançar a liberdade. É por meio da educação que o homem toma consciência de si, alarga sua compreensão de mundo e entende que a finalidade última de cada homem é a vida feliz. Isso Hegel resgata dos gregos antigos, pois para Hegel a educação clássica grega e dos latinos é a base central da formação humana, além do espírito do protestantismo que também desempenha um papel importante na concepção educacional.

Não é de se estranhar se nas obras hegeliana se encontrar as contribuições gregas na formação humana, bem como o próprio processo histórico de formação do espírito do protestantismo. Hegel sempre esteve inserido no meio educacional, sua vida e as atividades profissionais realizadas ditam a profundidade em que Hegel se encontrava na atividade docente. A maior parte da vida docente hegeliana se passou justamente no período de reforma educacional germânica, liderada por seu amigo Niethammer.

Em seus “Escritos Pedagógicos”, obra construída por meio dos seus discursos como reitor de centro de ensino, Hegel deixa clara sua preocupação e contribuição para o educar, chegando até a manifestar seu desejo em escrever uma pedagogia política, desejo esse que não teve tempo de formalizar. De acordo com Ginzo (1991, p. 16) “numa carta a Niethammer, quando Hegel já está em Berlim, ele confessa que no << inverno passado >> tinha o propósito de escrever uma pedagogia política (Staatspädagogik), mas na verdade esse projeto não é realizado.” Hegel via no seu

tempo uma prática vazia de formação humana, por isso sua preocupação estava voltada para o conteúdo da prática docente. Diz Ginzo (1991, p. 18) “Hegel vê na Pedagogia de seu tempo o perigo de um formalismo vazio, carente de conteúdo, e por isso se sentirá induzido a insistir mais no conteúdo da prática docente do que nos métodos pedagógicos propriamente ditos.” Hegel compreendia que a realidade de sua época necessitava de uma ação concreta de organização de conteúdo para a prática docente ou, melhor dizendo, de uma organização programática da formação para a ação política educacional.

Ainda hoje é possível compreender e destacar as contribuições hegelianas na educação contemporânea. O ensino, a centralidade ao conteúdo e a finalidade da educação são os alicerces primordiais hegelianos para uma educação racional do homem. O próprio método pedagógico de Hegel como docente se baseia nesses pilares do ensino, da centralidade e da finalidade da formação, isso porque Hegel tem uma preocupação central na educação que é a sistematização do conteúdo curricular para a filosofia e a prática docente para ação do professor. Seu método pedagógico continha em sua prática docente o lugar de ação, tendo uma metodologia de ensino que segundo Fernandes:

Em relação a cada tema, Hegel ditava um parágrafo, em seguida, procedia à explicação oral, recorrendo também ao questionar de vários alunos. O ditado tinha de ser passado a limpo e a explicação oral devia ser resumida por escrito. No início de cada aula, um aluno apresentava uma síntese oral da aula anterior. Os alunos podiam sempre interromper para colocarem as suas dúvidas”. (1994, p. 12)

Se compararmos com a atualidade em que os encontramos e com todos os métodos e auxílios que a tecnologia propõe vemos que Hegel de fato foi um pensador do seu tempo, tempo esse que exigia as múltiplas visões de mundo para uma transformação da realidade educacional da época. Assim, como nos dias de hoje, que mesmo com tantos meios tecnológicos exige da educação atual processos de formação compatíveis com a realidade contemporânea. Se muitas são as dificuldades do momento atual, maiores são as contribuições e o desejo de mudança que podemos encontrar no pensamento hegeliano.

Adepto de uma pedagogia participativa, suas maiores contribuições estão na compreensão do homem como consciência, espírito absoluto, mediador entre a razão e a liberdade, entre o dever e o direito. Para Hegel a educação é um ato

político, pois não tem formação maior do que aquela que forma o indivíduo para a sociedade.

Assim, analisar as possíveis contribuições hegelianas para a educação na contemporaneidade requer um olhar voltado tanto para as compreensões de sua época, como para os desafios atuais. Nisso consiste visitar a forma de educação dos gregos, período clássico do processo histórico do homem, ao qual Hegel apreciava e vivenciou em sua juventude, bem como, a própria realidade germânica em que se encontrava, que antes de tudo gritava por mudanças.

Portanto, pensar o ensino de filosofia nos anos finais da formação fundamental a partir da compreensão hegeliana de educação é uma busca constante por um entendimento mais acessível da formação do próprio homem a partir da *Bildung* proposta por Hegel como modelo de educação. Esse modelo de educação é antes de tudo o próprio movimento natural do homem na história. Nesse movimento, que sempre é progressivo, o homem se autoforma caracterizando assim o que podemos chamar de prática pedagógica, uma maneira de ensino-aprendizagem, que mediante toda construção cultural constitui o que Hegel compreendia como *Bildung*.

Partiremos, então, em nosso primeiro capítulo da busca pela análise e investigação do termo “*Bildung*”, entendido pelo filósofo como “formação cultural”. A Noção de Educação em Hegel partirá dessa procura pelo entendimento da *Bildung* hegeliana, da conceitualização de *Bildung* e da sua participação na formação do espírito hegeliano.

No Segundo capítulo caminharemos junto com a razão de si e a educação do espírito para uma consciência livre e autônoma. Essa mediação se dará através do processo de educação de homem no espírito, da contribuição da *Bildung* para a supressão da *Paideia* grega e da formação do espírito na *Bildung* Moderna.

O terceiro capítulo nos trará os desafios da atualidade como ponto de estudo dos conceitos hegeliano de eticidade, família, Estado e formação escolar. Sendo Hegel um filósofo muito atento com os problemas de sua época, seus conceitos e reflexões em pleno século XIX ainda hoje estão vivos e são vividos pela sociedade hodierna.

Contudo, apresentaremos nossa proposta de intervenção pedagógica, sustentada nas reflexões hegelianas, onde procuramos questionar, provocar e construir alternativas e contribuições para os desafios enfrentados pela realidade

escolar na atualidade. Para engrandecer nossa proposta de intervenção no quarto capítulo faremos um diálogo com Paulo Freire, tendo como suporte teórico e de fundamentação da intervenção na presente pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa de abordagem, o método utilizado será o hipotético-dedutivo e com ele busca-se mostrar as possíveis contribuições do conceito de educação do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel na formação educacional da realidade contemporânea. Mesmo passados quase dois séculos é possível perceber a originalidade e atualidade dos problemas educacionais enfrentados por Hegel e perceber seu aporte filosófico a serviço da organização social, da construção de homem justo e ético e de uma educação libertadora.

Por fim, não é bastante dizer da grandeza do sistema proposto por Hegel e da impossibilidade de esgotamento de uma única obra escrita pelo filósofo. Assim, resta-nos apenas contribuir com pouco de leitura dos escritos deixados pelo filósofo dos olhos da Ave de Minerva.

2. A BILDUNG NA EDUCAÇÃO EM HEGEL

O percurso hegeliano de educação é uma construção humana de formação, alicerçada no movimento próprio do espírito, que busca por meio da própria superação educar-se e, assim, contribuir para a autoformação do homem como mediador da sua própria vida.

2.1 A Noção de Educação em Hegel

Falar de uma educação a partir da filosofia hegeliana não é uma tarefa nada fácil. E, assim, desde já, podemos adiantar do longo percurso filosófico para se alcançar uma breve consideração a respeito da educação em Hegel. Isso se dá mediante a proposta hegeliana de filosofia.

Sabe-se que Hegel era comprometido em seu sistema filosófico, que tinha o homem como centro de seu pensamento, no entanto, como bom filósofo e professor, Hegel buscou interagir por meio de seus escritos de forma pedagógica com a educação. Se esta prática foi consciente ou não, só o filósofo alemão poderia responder.

O que de fato pode-se cientificar são as contribuições hegelianas para uma formação humana, alicerçadas em uma educação que tem como finalidade a humanização e liberdade do sujeito.

Historicamente a consciência humana está sustentada na superação da realidade natural do humano frente ao percurso e desenvolvimento da educação. Toda sociedade humana foi organizada a partir de uma estrutura educacional. Cada tempo histórico tem a sua contribuição no desenvolvimento e organização da sociedade e nenhuma sociedade se sustenta sem educação.

Esse caminhar progressivo da humanidade é caracterizado por Hegel como espírito, e aqui se precisa entender que a filosofia hegeliana está marcada por muitos conceitos nos quais pode-se encontrar os parâmetros necessários para entender a organização do seu sistema filosófico.

De acordo com Meneses (2006, p. 32) “para Hegel o papel do filósofo é traduzir seu tempo em conceitos”, isso porque todo filósofo pertence a sua própria realidade sociocultural, ao seu próprio momento histórico e carrega consigo a própria

identidade de sua época. Marcado pela atividade docente, Hegel está dentro da realidade de sua época, pois para o próprio filósofo o homem é história, e como história se caracteriza como resultado de sua intencionalidade.

Hegel afirma que o homem é resultado da intencionalidade e isto o caracteriza. O homem é o que ele faz de si mesmo. Obviamente não há o controle ou a consciência absoluta de tudo o que o homem possa ser e fazer. As consequências de um ato humano são a sua própria atividade, a formação empreendida e recebida, em outras palavras a sua educação. (NOVELLI, 2001, p. 70).

Toda educação é pautada na educação de si mesmo. O próprio desenvolvimento do mundo na história universal é consolidado na busca do espírito em educar-se a si mesmo. Os primeiros povos a incutir uma ideia de educação foram os gregos antigos. Para eles a tarefa primordial da educação era a humanização. Talvez por isso para os gregos o homem era entendido como um ser aberto às possibilidades e mediante sua educação, “o homem cria progressivamente a si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana”. (TEIXEIRA, 1999, p. 25).

Segundo Teixeira (1999, p. 24) o “ser humano, na crueza de seu ser, se percebe como um eu que não está pronto. Vive sua vida segundo o reino das possibilidades, cresce no ser e seu existir manifesta-se como um constante fazer-se num eterno vir-a-ser”. Esse processo humano, para Hegel abarca tanto a consciência do espírito, como o objeto de si mesmo, uma vez que, inserido em um tempo histórico, o homem é capaz de sair de si, para que liberto de suas amarras, possa voltar a si, efetivando em sua condição de liberto a sua educação.

Para Paviani:

Sem o espírito crítico que perpassa o pensamento original, isto é, que está nas origens, é impossível construir uma adequada compreensão do fenômeno da educação hoje. Por isso, o discurso pedagógico e científico atual, inaugurado nos primórdios de nossa civilização, pode ser retomado em suas fontes gregas. (2008, p. 9).

O pensamento grego de educação na antiguidade está alicerçado na formação do homem e em seus problemas práticos e particulares. Toda formação se volta para a compreensão de que nada é mais importante para o homem do que o próprio homem. Sócrates (469 – 399 A.C.), filósofo tão enigmático quanto admirado, aclamado nas obras de seu discípulo mais nobre, Platão (427 – 347 A.C.), considerava a formação humana como o mais importante dos bens que um homem

poderia deixar. Para ele, “o autoconhecimento do ser humano era um dos elementos fundamentais preconizados pela educação”. (TEIXEIRA, 1999, p. 21). E a partir do “Conhece-te a ti mesmo!”, inscrita no templo de Apolo, “Sócrates faz o programa de sua vida e a recomendação básica feita aos seus discípulos.” (Teixeira, 1999, p. 22).

A preocupação que girava em torno da educação grega era a formação do homem para uma vida feliz e coerente com a Polis¹ (Cidades/Estados). Na antiguidade a polis era o ponto central da história da formação grega. “Para Platão, o ideal de educação não é formar o indivíduo por ou para si mesmo, mas formar o cidadão para a polis, cujo quadro institucional é caracterizado por uma ou várias magistraturas, por um conselho e por uma assembleia de cidadão (polítai)”. (TEIXEIRA, 1999, p. 26). Assim, para serem felizes, as cidades gregas, antes de tudo, necessitavam de uma formação para as práticas virtuosas, ou seja, para cidadãos capazes de compreender a finalidade de suas vidas para a justiça e a felicidade na polis.

Diante do exposto, tem-se a influência dos gregos antigos no pensamento hegeliano. Para Hegel, havia uma necessidade de retomar ao pensamento dos antigos e ao mesmo tempo, repensar a construção histórica, filosófica e educativa do seu tempo. Não é de se estranhar que uma das obras de sustentação do seu pensamento era a República² de Platão.

Tudo isso faz que alguns intérpretes considerem que em Hegel se pode encontrar algo assim como uma nova *paideia* que busca sua inspiração certamente no modelo grego, mas que tenta ao mesmo tempo situá-la a altura da cultura moderna. (GINZO, 1991, p. 15).
(Tradução do autor)

Nesse sentido, para Hegel, a formação do homem é circunstancial para a formação do seu povo. Bem como, “cada homem educa-se dentro de seu povo pelo que faz pensando em si, mas que na verdade é o pensar de um povo, do seu povo”. (NOVELLI, 2001, p. 71).

Nigel Tubbs apresenta em sua obra “Education in Hegel” três noções de educação em Hegel. Para Tubbs Bildung, Entwicklung e Aufhebung seriam termos que para Hegel juntos constituiriam o processo da história da filosofia. Segundo

¹ Polis do grego “Pólis” = Cidades/Estados, eram núcleos independentes que era governada por cidadãos livres da Grécia antiga.

² A República, obra centrada na idealização platônica de Cidade ideal a “Kallipolis – Cidade Bela”, onde para Platão deveria ser inaugurado uma nova forma de aristocracia onde o principal critério fosse o conhecimento.

Tubbs, Hegel enfatiza mais o significado do que a solução para os problemas educacionais de sua época, no entanto, a sua própria ideia de verdade que está em compreender os desafios educacionais que atravessa os germânicos apontam as setas para as próprias problemáticas existentes. O que peguei de Hegel “considero ser sua visão mais central e esclarecedora da filosofia - que ela tem sua verdade como educação - e tirei-a de seus textos para falar, sempre que possível, de questões e problemas do século XXI.” (TUBBS, 2018, p. 05).

É clara nos escritos de Hegel que sua grande preocupação era a de compreender o seu tempo em sua totalidade e ao transformá-lo em conceitos possibilitar ao espírito do seu tempo o encontro com a identidade cultural de sua época. Assim, dois conceitos são fundamentais para se falar em uma noção de educação em Hegel: Geist (Espírito) e Bildung (cultura/formação moral).³

O espírito tem para nós a natureza por sua pressuposição, da qual ele é a verdade e, por isso, seu [princípio] absolutamente primeiro. Nessa verdade a natureza desvaneceu, e o espírito se produziu como ideia que chegou ao seu ser-para-si, cujo objeto, assim como o sujeito, é o conceito. (HEGEL, 1995, §381, p.15).

Para Silva (2013, p. 12) em Hegel o conceito de espírito “assume um significado mais complexo” e, segundo Lima Vaz (1992, p. 17) a noção de espírito “é a pedra angular do edifício do sistema hegeliano. Para Hegel, o espírito abarca tanto a consciência quanto as objetivações sociais. Dessa forma, o espírito é o “Begriff [conceito, noção, concepção] efetivado”.

No pensamento hegeliano é necessário entender os princípios de seu sistema filosófico, que é a busca da passagem do espírito subjetivo ao objetivo. Tal compreensão se estabelece a partir do momento em que o sujeito percebe a necessidade de superar sua condição natural e alcançar um estado de liberdade que o torna existente para si mesmo.

A própria ideia de espírito (Geist) para Hegel, e aqui podemos estabelecer uma ligação com a noção de educação, está para a independência do sujeito de qualquer outro que não o torne livre e autônomo de sua própria existência, diz Hegel que “a essência do espírito é formalmente liberdade” (HEGEL, 1995, § 382, p. 23). Assim,

³ É importante ressaltar que toda tradução não compreende a grandeza de sentido da palavra em sua língua vernácula. Para que o termo Bildung seja aqui compreendido como cultura/formação cultural, outros termos de semelhantes sentidos poderiam ser abordados. Muitos são os autores que se manifestam em diferentes traduções, assim para expressarmos com maior fidelidade ao termo, buscaremos no subitem posterior (1.2) elencar alguns termos utilizados para a tradução de Bildung.

para Hegel, educar é autoformar-se, é a busca infinita do espírito que por essência absoluta a si mesmo se pertence.

Segundo Silva (2013, p. 14), o “desenvolvimento do espírito é o processo de sua autoformação, ou seja, é o movimentar-se em-si e para si do espírito. O espírito em seu plano absoluto é a unidade entre o espírito subjetivo e o espírito objetivo. (2013, p. 14). Pensar em uma autoformação requer compreender que todo ser se manifesta em um movimento histórico do qual está inserido e, uma vez consciente de sua manifestação encontra em si mesmo a essência livre e determinada para educar-se. Essa autoeducação é plenamente independente de qualquer outro ser, pois o espírito não é uma determinação qualquer, suas possibilidades são realidades efetiva, absoluta e infinita.

Todo processo educativo do sujeito, em Hegel, se dá pelo próprio processo de formação do espírito. E o espírito para Hegel é vida. Vida vivida pela humanidade. Vida consubstanciada na história. No entanto, em seu processo de vir-a-ser, o espírito coloca em si mesmo limites, para mediante superação de si mesmo, alcançar a razão plena de sua existência e, assim, dá a si mesmo a afirmação de sua verdade e liberdade como espírito.

A educação do espírito se dá pelo movimento de momentos finitos. Mesmo sendo infinito em sua dimensão existencial, o espírito se forma a partir dos acontecimentos finitos, ou seja, sua autoeducação é o movimentar-se em-si e para-si do espírito.

Diz Silva que:

Por ser o absoluto, o espírito é a totalidade do mundo no tempo infinito. Todavia, é constituído de momentos finitos, isso é, sua dimensão subjetiva e sua dimensão objetiva transformam-se – aparecem e fenecem – ao longo do infinito movimento do espírito absoluto em desenvolver-se a si mesmo. (2013, p. 14)

O espírito em seu processo de formação de si mesmo passa por um processo de desenvolvimento que Hegel apresenta em três momentos. O primeiro momento é da referência do espírito em si mesmo, o qual se torna para o espírito uma referência livre, que Hegel caracteriza como espírito subjetivo. O segundo é o momento no qual a liberdade se apresenta como necessidade presente do espírito, é o desenvolvimento do espírito objetivo. E, por último, ao passar pelos dois movimentos iniciais e pela superação dos seus limites, impostos pela própria condição natural do espírito, ele chega ao terceiro momento que está em seu conceito de idealidade,

unidade que está dentro dele sendo em-si e para-si, formando-se infinitamente o espírito em sua verdade absoluta. Esse terceiro momento Hegel chama de espírito absoluto.

O espírito é a ideia infinita e a finitude aqui tem o seu significado de ser a inadequação do conceito e da realidade, [e que] com a determinação que o espírito se coloca como limite, para (superando-o) ter e saber por si mesmo liberdade como sua essência, isto é, ser simplesmente manifesto. (HEGEL, 1995, §386, p. 31).

Para Hegel a dimensão do conceito de espírito, mediante o processo de formação, é a unidade das múltiplas possibilidades, enfrentamentos e desafios que constituem a vida. Todavia, a liberdade como essência, não é algo pronto, determinado no espírito, pois como absoluto, o espírito é constituidor da liberdade. Nenhuma formação é completa, assim como nenhum espírito estará totalmente pronto, haja vista sua condição de infinito, que se faz em momentos finitos de vida. Assim, todo espírito, por mais absoluto que esteja, sempre estará para a totalidade do real que engloba a educação.

2.2 O Conceito de Bildung

Todo processo educativo exige superação. E no decorrer da construção histórica é possível encontrar as marcas da transformação no qual o homem é sujeito e objeto do processo educativo.

Dentro dessa transformação histórica apontamos o termo Bildung como um aporte para estabelecer as bases da educação hegeliana. No entanto, devemos ter ciência de que qualquer tradução que se faça do termo não compreende a sua totalidade e assim, muitos pensadores ao longo do tempo adotaram vários conceitos para o termo Bildung. Para Tubbs (2008, p. 43), Hegel compreendia Bildung como “formação ou desenvolvimento por meio da repetição do não reconhecimento”, esse mesmo termo se traduziria também por cultura, e em muitos casos, até mesmo por educação.

Segundo Silva (2013, p. 22) Bildung vem a ser entendido como uma “autoeducação do espírito, realizado no âmbito de sua educação subjetiva” ou seja, Bildung traduzida como educação, nesse aspecto a tradução de Bildung também poderia ser tratada como formação. Goergen entende Bildung como formação, “a que os gregos chamaram de paidéia; os alemães denominaram Bildung e nós designamos

formação”. (2009, p. 26). Meneses ao discorrer sobre a originalidade da *Fenomenologia do Espírito*, compreende que “ela pode ser apresentada como processo de “formação” (cultura ou Bildung)” (2006, p. 38), e com isso traduzir a própria Bildung como formação cultural. Essa compreensão de Bildung como Formação Cultural é realçada por Nicolau (2013, p. 41) “visando garantir a riqueza etimológica da mesma em suas dimensões histórica, ética, política e cultural” e por sintetizar um ideal pedagógico. Em resumo, como diz Soares (2005, p. 192) “Bildung expressa, sobretudo, o processo da cultura, da formação, motivo pelo qual utilizo a expressão “formação cultural”.

Assim, é importante destacar que mesmo partindo da compreensão de Bildung como formação cultural, não se limita dizer que a tradução está completa, pois a própria tradução do termo alemão Bildung para o português acarreta uma série de questionamentos e problematizações.

Para Hegel a ideia de Bildung se entrelaça com a ideia de formação, isso porque Hegel foi um grande pensador, capaz de visualizar um caminho progressivo de superação e transformação do homem. Esse homem em Hegel é o próprio espírito que mediante o caminhar progressivo, progride também como consciência histórica.

Em suas atividades como reitor de Nuremberg e mais precisamente em seus discursos pedagógicos de abertura e encerramento dos anos letivos, dos quais Hegel falava para alunos, pais e autoridades do governo, é possível perceber sua dedicação e compromisso com a educação. O ponto central de seus discursos estava voltado para o sentido e os objetivos de uma educação transformadora, de pura formação humana. Influenciado pelo desafio de pensar um novo caminho para a educação da época, encontrou no princípio da Bildung a estrada para a formação humana calcada na superação do pensamento da educação grega antiga.

O espírito e objetivo do nosso centro é a preparação para o estudo culto, e certamente uma preparação que se baseia nos gregos e nos romanos. Por alguns milênios, esta tem sido a base sobre a qual permanecemos em conexão permanente. Assim como os organismos naturais, plantas e animais, oferecem resistência à gravidade, mas não podem abandonar este elemento de sua essência, assim toda arte e toda ciência brotaram desse solo; e embora eles também tenham se tornado autônomos em si mesmos, eles não se libertaram das garras daquela cultura mais antiga. Da mesma forma que Anteo renovou suas forças através do contato com a terra materna, também todos os novos impulsos e consolidação da

ciência e da cultura foram abertos por um retorno à antiguidade. (GINZO, 1991, p. 74). (Tradução do autor)

O que marca o pensamento hegeliano de formação e superação dos gregos antigos é sua compreensão de homem não mais unicamente como natureza (Physis), mas agora como espírito (Geist). Assim, Hegel destaca a Bildung no processo histórico de construção humana e dar ao mundo (Welt) uma possibilidade de formação em que o homem se percebe como educador e educando de si mesmo.

Para Silva:

O desenvolvimento do espírito em sua dimensão absoluta é o próprio desenvolvimento do mundo ao longo da história universal. Em meio a esse portentoso movimento, o espírito educa-se a si mesmo, formando os sucessivos momentos de sua dimensão subjetiva. (2013, p. 22)

Para que tal processo formativo ocorra, Hegel destaca que mais importante que visitar o solo do pensamento grego antigo e beber de suas fontes, faz-se necessário agora superar as insuficiências das ideias gregas e contribuir para os desafios dos novos tempos, os quais o filósofo vivenciava.

Mas, por mais importante que seja a conservação desse solo, a modificação das condições em que ele repousava em outro ritmo é tão essencial. Quando estamos cientes das insuficiências e desvantagens dos antigos princípios e instituições em geral e, junto com eles, dos objetivos e meios educacionais envolvidos, o pensamento que primeiro emerge à superfície é o da rejeição e eliminação totais de si mesmos. Mas a sabedoria do governo, superando este recurso aparentemente fácil, responde da maneira mais verdadeira às necessidades da época, colocando o velho em uma nova relação com o todo e, dessa forma, preservando sua essência, ao mesmo tempo, muda e se renova. (HEGEL, 1991, p. 75). (Tradução do autor)

Assim, para Hegel, mais do que nunca é necessário o avanço do saber, que se dá mediante o processo de desenvolvimento do espírito. Com isso, pode-se destacar que a Bildung é a própria superação do estado natural do homem (Physis) para o estado de alienação do espírito sobre si mesmo. É importante destacar que o contexto histórico no qual Hegel se encontrava tem, por si só, desafios de uma época que caminhava em meio as rupturas sócias e políticas e uma forte influência das ideias iluministas e da perspectiva de progresso que chegava juntamente com as invasões Napoleônicas.

Não é de se admirar em perceber a perspectiva de mundo que existia em Hegel. Tal compreensão visionária reside na maneira em que Hegel olhava a história

e a enxergava da maneira mais ampla possível. Compreender o processo histórico é para Hegel coloca-se no caminho para o desenvolvimento do próprio espírito. Uma vez em que a superação da condição puramente natural para uma condição autoconsciente implica, necessariamente, a superação da construção histórica passada e uma nova forma de ver o mundo, ou ver no mundo uma história universal, capaz de tornar o homem sujeito autêntico de sua própria formação.

Uma das contribuições do espírito mediante o resultado de seu desenvolvimento é a compreensão de si mesmo como sujeito livre, e assim, quanto mais o espírito cresce em razão ele alcança pontos fundamentais de crescimento do espírito. Compreender o conceito de Bildung é ampliar a própria compreensão de mundo, tornando o espírito absoluto de sua própria consciência, mediante a superação de si mesmo e da natureza, conferindo a formação como o uso racional e ético do que se conhece.

Vale ressaltar que Hegel encontra-se inserido no século XVIII, e que nesse cenário a Alemanha procurava repensar a estrutura educacional de sua época. A Bildung nesse momento era vista como uma teoria da educação, onde muitos pensadores já se debruçavam em pensar qual a melhor maneira de educar o homem.

Nicolau afirma sobre a Bildung que:

Não por acaso seu estudo deve perpassar a própria formação do sistema escolar alemão. Tal sistema tem seu apogeu ao final do século XVIII, o século pedagógico por excelência, pois foi obra de todo um espaço cultural de cultivo interior, que se tornou o verdadeiro mote para a proposta neohumanista da reforma educacional levada a cabo no território alemão por W. von Humboldt (1767–1835), na Prússia, e por F. I. Niethammer (1766 –1848), na Baviera, nos primórdios do século XIX. Proposta assumida por Hegel como sendo o ideal pedagógico mais adequado à sua perspectiva filosófica por sua característica processual. (2019, p. 18).

Esse repensar da educação alemã do século XVIII centralizou no ideal de Bildung como o ponto chave para um sistema escolar voltado não somente ao pedagógico, mas também aos aspectos históricos, filosóficos, literários e humanísticos de sua época.

Neste sentido a Bildung para Hegel funcionava mais como um processo, uma formação que se dar por meio do avanço do saber de si mesmo pelo progresso subjetivo do espírito. Aqui, cabe ressaltar, a importância da reforma educacional prussiana, bem como, o pioneirismo no sistema de ensino obrigatório, influenciando

não só os germânicos, mas toda a Europa. Foi a partir desse momento que as pretensões dos prussianos consolidaram um novo homem, influenciado diretamente por uma formação histórico-cultural e, também através dos ideais iluministas difundidos, nesse momento, por toda a Europa.

O ideal de Bildung para Hegel assume uma importância relevante para a formação educacional. Através da compreensão de Bildung hegeliana, que como destaca Meneses “é de uma originalidade surpreendente” (2006, p. 67), pode-se destacar a busca de Hegel por uma formação integral e harmônica do ser humano.

A Bildung, através de Hegel, ganhou um significado fundamental para o sistema educacional alemão. O alcance de sua compreensão, para muitos entendido como “cultura”, engrandece a ação educativa da época, abrangendo a relação do homem com as múltiplas conexões necessárias para sua formação.

Para Hegel a própria transformação do espírito ao longo do processo histórico favorece o desenvolvimento e compreensão do conceito de Bildung. Tal entendimento só é possível ao passo que a consciência se percebe como consciência-de-si, como sujeito livre e independente que está diante de si e que é capaz de progredir em sua dimensão subjetiva.

Cabe ressaltar, segundo Silva:

É pelo trabalho, pela transformação da natureza em mundo humano, que a cultura se forma, posto que a cultura seja a dimensão subjetiva própria de um mundo constituído por objetos – e relações – não mais determinados pela natureza em-si, mas pelos sentidos, desejos e carências geradas pelo próprio homem em sociedade. Advinda do trabalho, a cultura, por ser resultante de um processo formativo, é Bildung. (2013, p. 33.)

Na perspectiva hegeliana a Bildung não é um processo tranquilo, harmonioso entre o espírito e sua formação. Isso porque, para Hegel o processo educativo implica necessariamente um movimento de exteriorização e autoconhecimento do próprio espírito. O ser-para-si hegeliano necessita de um retorno para si mesmo, um encontro com a própria razão, para assim, mediante o reconhecimento de sua liberdade, possa por meio da Bildung oferecer ao espírito a possibilidade do alto-cultivo.

Cabe ressaltar que todo movimento de exteriorização se dar a partir de uma perspectiva de autoformação. Educar-se é antes de tudo um olhar individual para dentro de si, para, a partir de sua maturação, colocar-se como indivíduo coletivo,

capaz de harmonizar-se não apenas de forma individualizada, mas também, de forma social, cultural e política. Contudo, nesse movimento de integração do indivíduo com o universal ocorre a aquisição da capacidade de colocar o particular em colaboração com a totalidade, esse resultado, para Hegel, requer o que chamou de Bildung.

Portanto, para Hegel nenhum homem é por natureza o que deve ser, por isso requer para ele um processo de educação capaz de torná-lo homem de razão cultivada e desenvolvida, que se faz a si-mesmo pelo que é em-si, e que parte da própria formação individual para se chegar a um ser universal. Assim, antes de tudo a Bildung é um processo de desenvolvimento do espírito que se dar por meio do processo histórico vivido pelo homem com os outros e que compreende e supera a natureza de si-mesmo alcançando a razão livre, ou seja, autoconsciente.

2.3 O Reino Bildung e a Formação do Espírito

Buscar uma compreensão do pensamento hegeliano sobre educação é antes de tudo uma tarefa formativa. Assim, torna-se necessário entender os fundamentos de seu próprio sistema para que essa compreensão seja possível, isso porque Hegel constrói uma base sólida para uma teoria do conhecimento que está presente em suas ideias filosóficas.

Para que o espírito seja capaz de participar do processo de autoeducação, antes de tudo ele precisa adentrar o que Hegel vai chamar de “Reino da Bildung”. Esse reino, para Hegel, é um período caracterizado como uma passagem da consciência do que se é, para uma busca de superação pessoal, que só é possível pelo surgimento da Bildung e pela afirmação da liberdade, característica indispensável à educação hegeliana.

O Reino da Bildung é o império da superação, da formação, do encontro do espírito com a razão de si. Encontro esse que predomina a tarefa da autoeducação do espírito, no qual a condição natural do homem ascende a consciência da razão. A busca pelo espírito absoluto se dá nesse momento mediante o encontro da consciência com a razão, pois para Hegel o absoluto é a pura razão.

Segundo Silva, “o reinado da Bildung corresponde à universalização da identidade cultural do espírito subjetivo em um dado momento” (2013, p. 47). Isso porque Hegel busca por meio dessa etapa formativa a naturalização dos princípios

morais. Tal compreensão só é possível porque o filósofo alemão destaca o reino da Bildung como terreno, solo fértil para a colheita da razão e cultivo da consciência absoluta para uma autonomia plena do sujeito.

A dimensão primária que o espírito percorre no caminho do Reino da Bildung é a dimensão subjetiva do seu próprio espírito. Isso se dá na origem dialética do reconhecimento da consciência sobre a consciência de si, porque “progredindo dialeticamente, a autoconsciência supera a dicotomia das particularidades e se constitui como espírito”. (SILVA, 2013, p. 42).

Nos intitulados “Escritos Pedagógicos” que se fizeram no decorrer de seu trabalho como reitor e, diga-se de modo mais profundo, como educador de uma nova forma de ensino que até então não se tinha visto em terras germânicas, Hegel propõe uma educação voltada para os valores centrais do homem, perfazendo um caminho de volta aos valores e moral do pensamento clássico com os antigos e organizando uma nova forma de formação da educação de sua época. Essa maneira de pensar uma formação inovadora, Hegel entende como Bildung, processo primeiro e último de toda educação.

Todo processo de educação pensado por Hegel passa pela compreensão de Bildung. Tal compreensão em sua finalidade tem um caráter de formação humana, haja vista a dimensão em que se encontra o processo educativo e o educando. Assim, para Hegel é fundamental o conhecimento e aprofundamento da sua cultura materna e o domínio da cultura greco-romana, o conhecimento das artes e da literatura, da história e da vivência presente, mas também, o conhecimento espiritual e da fé de seu povo.

Segundo o filósofo todo povo que não conhece e não consegue expressar as riquezas de sua cultura e as belezas do conhecimento do seu povo não vive livremente, está preso em suas próprias limitações e comodismo, coisa que já não se faz mais presente na realidade em que vivem. Cabe ao espírito de cada homem buscar superar e elevar-se de sua própria ignorância, agindo de tal modo que sua própria conduta seja parâmetro de liberdade e de consciência do próprio espírito. Afirma Hegel:

[...] um povo que não consegue expressar em sua própria língua todos os tesouros da ciência e nela se movimentar livremente com qualquer conteúdo não pode ser considerado formado. Essa intimidação, como nossa própria língua nos pertence, está ausente daqueles conhecimentos que só possuímos em uma língua

estrangeira; dito conhecimento é separado de nós por uma parede divisória que não permite que eles sejam verdadeiramente familiares ao espírito. (HEGEL, 1991, p. 76). (Tradução do autor)

Importante entender que para Hegel a essência absoluta do espírito é a ação livre do pensamento, pois só assim o homem é capaz de viver de forma autônoma e livre. Essa ação do pensamento é a razão consciente que o espírito adquire de si mesmo. É uma prática pedagógica que visa a superação dos limites naturais do homem e o alcance da autoconsciência, ultrapassando as particularidades do individual e tornando o espírito universalmente humano. Diz Silva (2013, p. 21) que “O desenvolvimento do espírito em sua dimensão absoluta é o próprio desenvolvimento do mundo ao longo da história universal. Em meio a esse portentoso movimento, o espírito educa-se a si mesmo, formando os sucessivos momentos de sua dimensão subjetiva”. Assim, entender o processo de ensino-aprendizagem do próprio espírito como constitutivo de uma consciência, é antes de tudo um movimento próprio do espírito que busca, por meio do movimento ao longo da história realizar simultâneas confirmações culturais e morais, das quais Hegel entende como *Bildung*. Para Silva:

Entendida como o processo de ensino-aprendizagem que habita o homem singular à vida em sua respectiva sociedade e à medida cujo processo educacional que realiza as demandas políticas-pedagógicas da própria sociedade, a educação é *Erziehung*. Portanto, se a *Bildung*, na perspectiva do espírito subjetivo, é educação enquanto resultado do processo de desenvolvimento do próprio espírito, daí ser entendida também como cultura; a *Erziehung*, na perspectiva do espírito objetivo, é educação quando conjunto das ações efetivas no campo pedagógico, correspondentes às necessidades inerentes à realidade objetiva do espírito. (2013, p. 22).

O primeiro passo para uma formação sólida do espírito é a própria compreensão da consciência como consciência-de-si. Todo ser humano busca alcançar as virtudes necessárias para uma existência mais autônoma e livre. Cabe a cada espírito encontrar em si as determinações do entendimento. Para Hegel:

Pois bem, se as determinações do entendimento, visto que somos seres intelectuais, se encontram em nós e as compreendemos imediatamente, então o primeiro treinamento consiste em possuí-las, isto é, em tê-las convertido em objetos de consciência e em poder para diferenciá-los por meio de sinais. (HEGEL, 1991, p. 82) (Tradução do autor)

Segundo Hegel a formação do espírito se caracteriza mais pelo processo de formação do que pelo procedimento em si. Isso não descaracteriza o procedimento com o qual deve o espírito deparar-se, mas mostra a preocupação hegeliana do processo formativo. Para Hegel mais importante que o resultado é a maneira pela qual se desenvolveu a forma de um processo de formação.

Toda preocupação de formação do espírito para Hegel se efetiva na preocupação do desenvolvimento de um espírito mais elevado. Sendo a subjetividade desse espírito o ponto central de seu processo de crescimento, o espírito busca por meio de sua própria história alcançar o ápice do saber, para poder assumir uma posição efetiva de espírito livre e autoconsciente.

A formação do espírito é antes de tudo uma pedagogia. Não que Hegel tenha se detido a uma provocação diretamente pedagógica, mas sim, tratou nos seus escritos pedagógicos de um sistema educativo no qual, desde o cumprimento de metas até a própria formação moral, Hegel não hesitou de estabelecer.

Assim, cabe ao processo formativo do homem amparar-se em uma busca constante do saber. Isso os próprios antigos já se preocupavam ao exclamar que todo homem, antes de tudo, deseja o conhecimento, a superação das limitações do próprio espírito e a busca constante da elevação e progresso de sua existência.

A educação do espírito é a efetivação do processo de superação do homem mediante tudo o que o cerca e o torna capaz. Mas, antes de tudo, cabe ao processo formativo trabalhar as vitalidades do espírito que se crie um ambiente mais favorável e comum a todos os homens. Portanto, para que um ensino seja capaz de contribuir na formação humana do espírito, cabe a ele, antes de tudo uma organização pedagógica e uma didática humana, capaz de oferecer as bases necessárias para um ensino progressivo e eficaz.

Em pleno começo do século XIX Hegel já apresentava sua preocupação e insatisfação com a forma do ensino oferecido pelos centros de educação alemã. Isso mostra a preocupação pedagógica do Hegel reitor e a sua busca por um ensino mais eficaz e que contribuísse para a educação dos jovens estudantes a ele conferidos.

Mas para que o ensino oferecido na escola frutifique nos que estudam, para que nele progridam, é tão necessária a sua aplicação pessoal como o próprio ensino. Acredito que essa vertente do Centro também tenha se consolidado nesse segundo ano. A regularidade na entrega por escrito do trabalho preparatório para as repetições e demais tarefas indicadas tem aumentado devido ao comportamento

rigoroso dos professores e tornou-se uma prática comum. (HEGEL, 1991, p. 90). (Tradução do autor)

A aplicação do próprio ensino torna-se em Hegel o ponto central das metas dos centros de ensino germânico. Isso porque, Hegel acompanha em sua compreensão de educação a realidade dos educandos de sua época. Isso esclarece a preocupação na constituição de uma prática pedagógica voltada a uma disciplina capaz de contribuir na aprendizagem e na construção da autonomia do pensamento livre entre seus alunos. Para Hegel a aprendizagem não deve se limitar apenas a uma atividade meramente receptiva, mas ao contrário, cabe ao ensino e a aprendizagem a conexão e coerência entre conhecimento, autonomia e liberdade.

Ressalta Silva que “o educar-se ao qual o espírito nele empreende é o educar-se que possibilitará seu ulterior salto para a plena autonomia, na perspectiva subjetiva, e para a liberdade efetiva, na perspectiva objetiva”. (2013, p. 47). Todo espírito é posto a uma formação geral, na qual cabe as instituições sociais uma parte de seu processo formativo. Assim, mediante a instituição em que se encontre o espírito sua formação terá uma conexão mais estreita com as finalidades de tal instituição. Se por um lado a escola é o centro principal da formação intelectual, por outro a família se torna a instituição principal da formação ética e moral. Para Hegel deve haver uma distinção entre formação intelectual e educação. Disciplina e costumes para Hegel são esferas distintas da qual cada instituição deverá preocupar-se e exercer seu papel formativo de forma eficiente, para que uma instituição não comprometa o papel e trabalho da outra.

Distingo aqui a disciplina (Zucht) dos costumes e a formação dos mesmos. A disciplina em si não pode ser o objetivo de um instituto de ensino, mas apenas a formação de costumes, e mesmo isso não é abordado de acordo com toda a gama de meios. Um instituto de ensino não precisa produzir primeiro essa disciplina, mas pressupô-la. Devemos exigir que as crianças venham para nossa escola já educadas. (HEGEL, 1991, p. 92). (Tradução do autor)

Portanto, a formação do espírito tem na Bildung seu alicerce e base central para uma formação sólida e constituição efetiva do ensino. Onde cada instituição tem papel fundamental e contribui de forma profunda para uma organização social capaz de possibilitar meios necessários de alcance do espírito a amplitude de sua condição.

Não cabe às instituições limitar princípios, máximas ou regras que tirem a autonomia de suas responsabilidades, mas antes, contribuam se complementando para a chegada do espírito aos ditames da razão por meio da liberdade, da ética, dos costumes e dos bons hábitos. Trata-se assim, de uma educação enquanto conjunto dos processos formativos, referentes ao ensino e formação do espírito para a vida em sociedade.

Toda reflexão pedagógica para uma formação do espírito está sobre a realidade da própria sociedade. Isso significa que toda construção social, cultural e intelectual influencia diretamente para a formação do espírito. Cabe à própria sociedade contribuir para uma efetivação das instituições, suas organizações e todo processo formativo que as mesmas se comprometerem a oferecer. Assim, segundo Hegel, só a uma boa formação do espírito se boa for sua sociedade e meio em que o vive. Toda educação do espírito, sendo ela objetiva ou subjetiva está reciprocamente ligada à realidade em que se vive.

3 O ESPÍRITO EDUCANDO PARA RAZÃO DE SI

A educação guia em si um conjunto de valores que busca colaborar com a superação do homem sobre seus próprios limites e, por meio da própria formação subjetiva do espírito, educar-se a si mesmo, realizando através da razão de si sua autoformação.

3.1 A educação do Homem no Espírito

Adentrar o pensamento hegeliano não é um simples exercício filosófico de compreensão. Hegel tem sua grandeza intelectual, antes de tudo, construída por sua originalidade. Nas palavras de Meneses ao expressar tamanha grandeza do filósofo, aponta que “Hegel distingue em seu tempo o melhor e o pior” (2006, p. 29), por isso é capaz de corresponder por meio de seus conceitos as indagações e necessidades do seu tempo e deixar para a posteridade tamanha contribuição.

Em sua obra a “Fenomenologia do Espírito”, datada do ano de 1807, diga-se de passagem, que essa é para muitos a obra central de seu sistema, Hegel mostra a vastidão de seu pensamento e a profundidade de sua visão de mundo. “Não há dúvida de que, para Hegel, a fenomenologia é a introdução do seu sistema. Essa “viagem de descoberta” leva ao encontro do saber ou da filosofia propriamente dita”. (MENESES, 2006, p. 38). Isso porque em sua obra, Hegel apresenta a experiência que a consciência faz de se mesmo desde seus primeiros movimentos até chegar ao encontra da razão consigo mesma.

Para Hegel o conhecimento do espírito é o primeiro passo para uma formação humana. Esse conhecimento se dá pelo autoconhecimento, ou o conhecimento de si mesmo. Esse preceito de autoconhecimento é próprio dos gregos antigos que muito antes tinham por base o ‘Conhece-te a ti mesmo’, fundamento principal da formação socrática. Hegel por ser livre em sua originalidade, não se limita unicamente aos preceitos dos antigos, mas apresenta sua compreensão formativa do escrito no templo de Delfos. O autoconhecimento, além de ser um preceito absoluto é, também, uma atitude particular do indivíduo em busca do conhecimento verdadeiro do próprio ser humano.

O conhecimento do espírito é o mais concreto, portanto o mais alto e o mais difícil. “Conhece-te a ti mesmo” — esse mandamento absoluto não tem nem em si, nem onde se apresenta historicamente como

expresso, a significação de ser apenas um autoconhecimento, segundo as particulares aptidões, o caráter, as inclinações e as fraquezas do indivíduo; mas [tem] a significação do conhecimento do verdadeiro do homem, como [também] do verdadeiro em si v para si — da essência mesma enquanto espírito. (HEGEL, 1995, §377, p. 9).

Uma das compreensões da formação do espírito é sem dúvida que o próprio processo educativo é prático. A formação do espírito, sua educação, seu processo ético-cultural, seu lugar na sociedade, sua presença no Estado se dá pela manifestação. Assim, de modo prático, a ação e a efetivação da educação do espírito e sua determinação é a manifestação do próprio espírito.

No entanto, essa determinação do espírito não se apresenta como um modo qualquer de existir. Sua existência é universalidade, compromisso consigo e com o outro, pois só assim, sua possibilidade se torna realidade efetiva, absoluta e infinita. Efetiva porque tem como natureza a verdade, e nessa verdade a limitação natural do homem desaparece e o espírito se torna a efetivação do seu ser-para-si. Absoluta porque uma vez manifesta sua essência se torna a própria liberdade. E, infinita, porque o tempo do espírito é vivido como consciência histórica.

Essa universalidade é também seu *ser-aí*. Enquanto sendo para si, o universal se *particulariza*, e nisso é identidade consigo. A determinidade do espírito é assim a *manifestação*. Ele não é qualquer determinidade ou conteúdo cuja exteriorização ou exterioridade fosse apenas forma diferente disso; de modo que não revela algo, mas sua determinidade e conteúdo é essa revelação mesma. Sua possibilidade, pois, é imediatamente *efetividade* infinita, absoluta. (HEGEL, 1995, §383, p. 22).

Nesse contexto, a educação, aqui também entendida como formação do espírito, se estabelece por meio de uma prática. Toda compreensão pedagógica de educação por meio do pensamento hegeliano se dará mediante uma prática. “Para Hegel não há teoria que se estabeleça senão por meio de uma prática”. (NOVELLI, 2001, p. 77). Em termos gerais só faz sentido uma educação para razão de si, se no seu processo teórico tiver como finalidade uma vivência prática, alicerçada em uma ética cultural do bem, do justo e da moral.

Escorado nessa tríade da ética, do justo e da moral, destacamos o caminho que Hegel traça para uma formação sólida do espírito. Em sua vida de reitor apresenta em seus discursos de encerramento anual um balanço e uma organização pedagógica que cada aluno deveria seguir. Para alcançar um objetivo concreto e

chegar ao centro das virtudes humanas, cabe a cada um se guiar pelas ações dignas de serem vividas.

E a formação geral encontra-se, em termos de sua forma, na conexão mais estreita com a formação moral; pois não devemos mais limitar isso a alguns princípios e máximas, a uma aridez geral, uma benevolência e uma disposição honesta, mas devemos pensar que apenas o homem que é geralmente formado também pode ser um homem que é eticamente formado. (HEGEL, 1991, p. 94). (Tradução do autor)

Todavia, Hegel sugere, além de um caminho formativo, vias que endossam a amplitude do caráter formativo do homem em si mesmo. Cabe nesse caminhar um treinamento formal de compreensão corretas das coisas, determinadas pela ética e pela justiça e a parti do ensino científico possa exercer o sentido da relação singular do espírito com a compreensão universal e vice-versa. Para Hegel a formação científica produz a retirada da existência natural do homem, com suas limitações e insuficiências e o coloca na via do fundamento formal da conduta humana a moral.

Diz Hegel:

Além disso, um treinamento formal também é necessário para a ação ética; visto que é responsabilidade de tal pessoa agir com a capacidade de compreender corretamente as coisas e as circunstâncias, distinguir bem umas das outras as próprias determinações éticas e fazer a devida aplicação delas. Mas essa capacidade é precisamente o que se forma por meio do ensino científico; pois exerce o sentido das relações e constitui uma transição permanente para a elevação do singular sob os pontos de vista universais e, vice-versa, para a aplicação do universal ao singular. A formação científica produz, em geral, na mente, o efeito de separá-la de si mesma, de retirá-la de sua existência natural imediata, da esfera não livre de sentimentos e impulsos, e de estar no nível do pensamento, por meio de quem adquire uma consciência sobre a reação, de outra sorte apenas necessária, instintiva, às impressões externas, e por meio dessa liberação torna-se o poder sobre as representações e sentimentos imediatos, cuja liberação constitui, em geral, o fundamento formal da conduta moral. (HEGEL, 1991, p. 105). (Tradução do autor)

Desse modo, a formação do espírito, em sua dimensão educativa é própria do desenvolvimento do mundo ao percurso da história. Nesse contexto, em meio a esse movimento da história, o espírito busca educar-se a si mesmo, realizando por meio da sua formação a sua autoformação, entendida por Hegel como dimensão subjetiva.

Segundo Hegel o homem autoforma-se enquanto subjetividade. Por meio da história e do progresso do espírito, que é a própria ideia de mundo, a consciência adquire maturação sobre a capacidade de saber sobre si mesmo e nesse processo histórico-dialético alcança uma razão mais elevada. Essa subjetividade por sua vez é caracterizada como uma pluralidade de espíritos que se provocam e se contrapõem enquanto consciências livres e autônomas, e nesse movimento educa e autoeduca-se para uma consciência de si universal, qual Hegel chamou de razão. De acordo com Silva,

A pluralidade de 'Eus', que se contrapõe enquanto consciências autônomas e que, portanto, resistem mutuamente umas às outras, coincidem na autonomia, constituindo uma consciência de sua autonomia, é 'consciência-de-si', e por ser universal, é uma 'consciência-de-si' universal. E como já foi apontado, a 'consciência-de-si universal é a razão. (2013, p. 36).

Sem dúvida a grande contribuição de Hegel para a educação foi a sua compreensão dialética entre homem, sociedade e história. Com a superação da concepção grega de educação (Paidéia), Hegel coloca no mundo o lugar de destaque da formação humana, por meio do espírito e tira da natureza os resultados impostos de uma educação dada por vias naturais.

Para atingir uma educação para a razão de si, ou seja, uma unidade do espírito subjetivo com o espírito objetivo, é necessário um processo de maturação, de passagem da consciência para autoconsciência e, assim, seu educar-se a si mesmo. Tudo isso para Hegel só é possível pelo decorrer da experiência humana, da história em si, pois é por meio dela que a razão de si avança na capacidade de ver o mundo a sua volta, de saber-se a si mesmo e de formar-se, sendo educador e educando.

Conclui Silva que:

Tendo atingido o momento da razão, o espírito subjetivo educou-se para a universalidade e, no decorrer de seu desenvolvimento, superando-dialeticamente cada momento precedente – alma, consciência e 'consciência-de-si' -, o espírito subjetivo avançou no seu educar-se. Essa formação subjetiva decorrente do processo de seu desenvolvimento confere-lhe o progresso do saber sobre si mesmo e, conseqüentemente, o avanço na apreensão do conceito da liberdade. Sendo subjetiva, essa formação, então, é uma autoeducação. Aqui, o termo 'educação' deve ser acionado, pois é o que melhor define o caráter subjetivo da formação que está ocorrendo. (2013, p. 36).

Nesse processo de educar para a razão de si, e mais precisamente através do olhar hegeliano sobre a formação humana, é necessário destacar a fundamentação

da educação através de uma postura cultural ética. Tanto pelo processo histórico de superação de si, como da prática resultante desse processo de autoformação de si consigo mesmo e de si para o outro.

Em todo esse andamento fica clara a busca de Hegel em sintetizar a teoria e a prática a partir de uma dialética que contribui de forma direta na dupla natureza do espírito, sendo este, espírito teórico e espírito prático. Assim, o espírito teórico se assemelha a razão em sua dimensão teórica, que se realiza na atividade de conferir as coisas em si uma forma universal. Enquanto, o espírito prático se manifesta como vontade e é a partir dessa vontade que o espírito por meio da inteligência busca conhecer. Uma vez determinados, tanto o espírito teórico quanto o espírito prático, produzem uma única unidade, razão e vontade estabelecem aqui o resultado dialético do pensamento Hegeliano que se dá pela maturação do próprio espírito.

Hegel sugere que é decorrente do processo de maturação do espírito – seu educar-se a si mesmo – que a razão se constitui, sendo ela o próprio espírito. O filósofo atesta que ‘o espírito teórico e o espírito prático se integram mutuamente. [...] Os dois modos do espírito são formas da razão; pois, mesmo por caminhos diferentes, tanto no espírito teórico quanto no prático se produz aquilo em que a razão consiste: uma unidade do subjetivo e do objetivo (SILVA, 2013, p. 38)

Deve-se salientar, no entanto, que toda essa travessia feita pelo espírito no qual se educa a si mesmo é feita a partir da realidade histórica, dada no tempo. Esse movimento histórico cria as engrenagens necessárias onde por meio de sua ação o espírito progride dialeticamente alcançando uma autoconsciência e superando as particularidades e atingindo sua finalidade universal.

De acordo com Alexandre Nicolau, “cabe apreender o universal do projeto da Bildung apresentado na filosofia hegeliana, identificando como um processo de devir humano ou, para usar a expressão de N. Elias (1994, p. 13), um processo ‘civilizador’, mediante o qual o indivíduo natural torna-se ser culto, formado, educado e civilizado”. (2019, p. 33). Assim a Bildung supera a própria compreensão de formação cultural entendidas por muitos e passar a atuar como um processo de desenvolvimento humano. Nessa compreensão o papel central da Bildung pode ser visto como uma proposta de educação do espírito, uma educação pautada na formação cidadã em suas dimensões ética, social, econômica, política e cultural.

Para Hegel, uma educação promotora da Bildung é a que promove a formação científica, envolve formação política, ética e estética. Nessa perspectiva apresento a compreensão de Hegel de que o espírito

universal requer que cada indivíduo se ultrapasse enquanto vivente, enquanto desejo impulsionado pela natureza, que ele também é, mas deve superar (Aufhebung), para vir a ser espírito completo, universal, que sabe quais são as suas necessidades e, por isso, sabe conter-se, limitar-se. Assim, o que me proponho analisar em Hegel, a Bildung, é o que configura o próprio processo formativo. (NICOLAU, 2019, p. 37)

Contudo, todo processo pedagógico é uma busca de formação humana que tem como meta a construção das colunas de sustentação da condição humana. Todo homem por natureza deseja aprender. Essa busca constante que o homem tem pelo conhecimento é a própria manifestação do espírito, que limitado por sua condição natural busca alcançar a transcendência humana, o ápice da vida comum e para isso se apoia na dimensão histórico-cultural do próprio tempo, perfazendo o caminho de buscar tornar-se o que se é.

Mediante a formação do espírito, tendo como parâmetro a educação atual, são grandes os desafios traçados pela realidade atual e maiores ainda, quando se deparam com um processo formativo movido pela ética, pelo justo e pela moral. Hegel era um pensador muito a frente do seu tempo. Capaz de compreender as crises diárias da sociedade e propor uma mudança significativa por meio da educação.

Com isso, fica evidente que todo processo da Bildung na formação do espírito acontece por meio da relação da moral com a vivência da construção educacional pedagógica proposta por Hegel. Tanto sua formação cultural (Bildung), como seu processo formativo (Erziehung), deve constituir uma identidade própria, uma identificação cultural, ética e política com sua própria realidade.

Assim, a culminância dessa formação do espírito através do reino da Bildung é a concretização do espírito absoluto, que é o próprio homem em sua dimensão humana. Esse homem é caracterizado pela liberdade, pelo livre pensamento, pela autonomia, pela fé e pela verdade. Essa concretude humana é a unidade das múltiplas divergências humanas em uma dimensão de completude da qual chamamos de vida. Todo espírito é em si mesmo o seu próprio objeto de vida, que se abarca em sua totalidade, que se transforma em sua própria essência, vida vivida, movida e formada em sua própria razão de ser, em sua própria liberdade.

3.2 A Bildung como Suprassunção do Espírito na Paideia Grega

A educação é antes de tudo uma característica individual, mas que nasce e pertence mediante toda uma comunidade humana. Toda construção histórica é construída por meio da educação, de uma formação da consciência coletiva que se faz através da educação individual. Formar individualmente uma consciência é mudar a condição natural do homem a fim de elevar a capacidade e nível da vida coletiva de um povo.

Só o homem é capaz de educar-se. Esse educar-se não se limita a ação praticada na sociedade, mas tem em si uma axiologia própria, um conjunto de valores que possibilita a consciência uma reflexão, transformação e desenvolvimento humano capaz de organizar a vida social, política e cultural de uma sociedade. É através dessa construção axial que o homem ganha uma condição especial mediante toda a natureza que o cerca. Isso porque, com a percepção da consciência dos seus valores, ela muda as coisas, muda o indivíduo, mesmo o espírito permanecendo o mesmo em sua essência.

Todo processo histórico é um processo educativo. Sejam nas mais antigas civilizações sejam nas mais remotas sociedades humanas. Desde os seus primórdios o homem busca educar-se. Nos primeiros aparecimentos dos grupos humanos, nas primeiras sociedades humanas, nas primeiras compreensões da consciência como espírito racional e livre, o homem buscou por meio da transformação social uma formação da sua própria realidade.

Esse processo histórico é a base central do desenvolvimento humano. Desde a pré-história com a dominação do fogo, o surgimento da vida em coletividade e o desenvolvimento da agricultura, até o alcance da lua, a globalização mundial e a dominação do espaço o homem deseja mediante seu alcance a organização social em vista das experiências dadas e vividas por ele próprio.

Segundo Ginzo (1991, p. 9) “a educação deve melhorar o homem, aperfeiçoando-o em todas as suas dimensões fundamentais. Do esforço conjunto dos indivíduos resulta o movimento do gênero humano em vista de sua perfeição Assim, a meta central de um processo educativo consisti na construção de uma verdadeira humanidade, sustentada entre a razão e a liberdade. A finalidade da

educação consiste, então, em colaborar para que o homem rompa os limites de sua condição natural e passe a ser o próprio mediador de sua vida.

Segundo Jaeger:

[...] todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. (1995, p. 3)

O processo educativo em si é acompanhado pelo próprio desenvolvimento humano, e este, por outro lado, exige da própria educação uma elevação do seu nível final. Nesse sentido a formação do homem torna o processo educativo uma dialética, que tem no seu próprio movimento uma pedagogia singular, que move e é movida, que se faz e se refaz sempre em busca de algo maior e mais perto da essência humana possível.

Para Hegel há no processo educativo uma união entre sujeito e objeto. Essa construção se dá a partir da universalização do eu, que mediante a negação de sua singularidade fortalece a sua determinidade, ou seja, a suprassunção é o movimento próprio do ser que se anula e se afirma frente ao conhecimento. O termo suprassunção é uma das possíveis traduções do verbo alemão *“Aufheben”* e qualquer tentativa de atribuir uma tradução total desse termo será vazia.

Meneses (2006, p. 145) traduz o termo *“Aufheben”* por suprassumir, entendido, assim, como uma característica própria da consciência. Nobrega, (2006, p. 43) compreende *“Aufheben”* como um “movimento pelo qual realidades novas se explicitam, se deduzem, graças à contradição, à oposição que existe na realidade anterior”, esse entendimento é da compreensão de tradução comum para a dialética hegeliana (Tese, Antítese, Síntese) e não compreende a totalidade da dialética hegeliana, nem muito menos pode definir a identidade dos opostos da *“Aufheben”*.

Aqui, vamos delimitar essa compreensão de suprassunção e entender esse movimento dialético hegeliano como a superação do ser para consigo mesmo, tendo como ponto de partida a própria negação do eu em sua individualidade, mas a preservação da essência em sua universalidade.

Na Fenomenologia do Espírito encontramos de uma maneira pedagógica uma elucidação do que por Hegel poderia ser a suprassunção:

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso

ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. E essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo. (HEGEL, 1992, p. 22).

Nesse movimento dialético podemos encontrar a relevância do pensamento hegeliano que busca por meio da Bildung um caminho eficaz de transformação da própria realidade. Para Ginzo (1991, p. 14) “Hegel não só chegou a possuir um importante conhecimento da realidade educativa de sua época, senão que também esteve em condições de exercer uma importante influência sobre a mesma”. Nesse processo hegeliano dialético a educação ganha em definitivo a missão de humanizar o homem, contribuindo por meio do processo histórico condições melhores de vida e existência humana. Diz Jaeger:

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas, o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. (1995, p. 3)

Entre os gregos antigos, a educação era vista como elemento imprescindível na formação humana. Na verdade os primeiros povos a creditar na educação uma formação para a excelência humana foram os gregos. A educação clássica da Grécia tem a sua base centrada na ideia de homem virtuoso⁴. É na formação do homem dentro da polis⁵ que se faz a educação grega para a excelência. Essa virtude se assemelha com uma ideia de nobreza humana, de educação cavalheiresca e tem por finalidade a ação do homem por meio do que é belo, justo e moral.

Para os gregos a educação que ao homem era dada, definiria o caráter de cada homem, sendo sempre em busca da virtude a educação ideal. Para Platão

⁴ O homem virtuoso para os gregos era aquele que se baseava pelo conceito de virtude moral, da vida em excelência. Os gregos chamavam esse estilo de vida de “Aretê”, que do grego significa excelência. Segundo Evilário Teixeira (1999, p. 14) A palavra aretê, “é a expressão do mais alto ideal cavalheiresco unido a uma conduta cortês e distinta”.

⁵ “A palavra polis pode ser traduzida tanto por Estado como por cidade. Do conceito de polis derivam as palavras “política” e “político”, que ainda se mantêm vivas entre nós e lembram-nos que foi com a polis grega que apareceu, pela primeira vez, o que nós denominamos de Estado”. (JAEGER, 1995, p. 106).

(1999, 766a) “o homem pode converte-se no mais divino dos animais, sempre que se eduque corretamente, converte-se na criatura mais selvagem de todas as criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal educado”. (1999, 766a). Evidentemente, podemos destacar que o conceito de educação grega se resume no resultado da consciência viva que age dentro de uma comunidade humana.

A Grécia representa, em face dos grandes povos do Oriente, um “progresso” fundamental, um novo “estádio” em tudo o que se refere à vida dos homens na comunidade. Esta fundamenta-se em princípios completamente novos. Por mais elevadas que julguemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os gregos. (JAEGER, 1995, p. 5)

A educação grega deve ser vista a partir de seu caráter particular, mas também, a partir de seu desenvolvimento histórico. A própria ideia de “Paideia”⁶ deve ser analisada a partir do processo histórico grego, por isso devemos compreender a Paideia grega como “cultura”, como uma multiplicidade de manifestações e forma de vida criadora de relações que se faz mediante a diferença de seus povos.

A localização específica da educação grega inicialmente se encontra na formação particular. Esparta⁷ é o exemplo claro dessa educação. Com uma educação cívico-militar Esparta visa a formação do indivíduo em sua condição particular. Só com a ascensão da cidade de Atenas⁸ é que a proposta grega de educação muda de foco e passar a ter uma pedagogia voltada a formação comunitária. Assim, com Atenas a educação passa a ser coletiva, assumindo um papel civil, que tem como proposta final a formação do indivíduo para a nobreza aristocrata.

Segundo Teixeira (1999, p. 17) “essa mudança de um ensino individual para um ensino grupal vai exigir uma institucionalização da educação, já que a socialização da educação exigirá uma instituição correspondente que a coordene.

⁶ Paideia é um termo compreendido como uma forma de educação da Grécia Antiga que tinha em suas múltiplas disciplinas o objetivo de formação de um cidadão grego perfeito e que agia em conformidade com o ideal de sociedade grega. A Paideia é ainda hoje temas de diversas discussões sobre educação e formação cultural de um povo.

⁷ Esparta foi uma importante cidade (polis) grega que tinha na educação uma formação militar. Essa formação militar se deu depois de sucessivas invasões ao território espartano.

⁸ Atenas foi outra polis grega (cidade) que fez o contraponto com a educação espartana. É “graças à hegemonia de Atenas, que a educação deixa de ser militar e assume uma conotação civil, que tem como objetivo principal a formação do nobre aristocrata”. (TEIXEIRA, 1999, P. 16).

Surge, então, a escola”. Assim, o foco principal da educação grega passa a ser o homem e sua relação com a (polis) cidade.

A partir de agora, com o advento da educação para a comunidade, diga-se de forma rápida, institucionalizada, a ação educadora ganha força e passar a compor a própria pedagogia educativa, entendida como formação. Essa formação configura-se como uma Bildung. No entanto, a própria Bildung já era uma prática comum entre os gregos. A pedagogia grega era uma educação formativa que tinha a filosofia, as artes, a matemática, a música, a política, entre outras, como componente necessário a ser ensinado, significando a educação do homem como a verdadeira formação humana, a qual podemos chamar Paideia grega ou Bildung.

De acordo com Silva:

[...] a Paideia – seria um processo iminentemente político, portanto, a educação do sujeito singular está reciprocamente vinculada à realidade política de seu Estado. Neste sentido, Hegel comenta a resposta de um pitagórico à pergunta de um pai “de como ele poderia dar a seu filho a melhor educação, ao que o pitagórico responde: quando ele se tornar cidadão de um Estado eficiente (*wohlregierten*)”. Ou seja, só há uma boa educação se boa for a sociedade”. (2013, p. 55).

A preocupação grega com a educação da polis torna-se antes de tudo uma educação moral. Quanto mais ético e justo for o cidadão grego, a Polis – Cidade-Estado – tende a ser um lugar ético e justo a medida de seus cidadãos.

Tanto os gregos como Hegel buscam vincular a - Paideia / Bildung – como um movimento coletivo, universal. Seu significado torna-se mais amplo a medida que a compreensão de formação torna-se coletiva. Ou seja, o movimento do processo formativo não é só individual, mas também, uma prática de alcance universal.

A paideia grega e a Bildung alemã apontam para uma direção comum de formação integral do ser humano. Em seus Escritos Pedagógicos Hegel deixa clara a sua afeição pela cultura grega. Isso porque toda sua formação foi marcada desde cedo pelo conhecimento do mundo clássico, pela influência helênica na ideia de formação e educação ideal. Sobre os antigos, diz Hegel:

[...] as obras dos Antigos, e incomparavelmente mais do que todas as outras obras de qualquer época e nação, contêm o alimento mais nobre e na forma mais nobre, as maçãs de ouro em cascas de prata. Só preciso aludir à grandeza de suas concepções, ao caráter prático de sua virtude e de seu amor pela pátria, livre de ambigüidades morais, ao elevado estilo de seus atos e caráter, à multiplicidade de

seus destinos, de seus costumes e de suas constituições, para justificar a afirmação de que em nenhum campo formativo se unem tantos aspectos excelentes, admiráveis, originais, multifacetados e instrutivos. (1991, p. 79). (Tradução do autor)

Para Hegel a Bildung funciona como um ideal formativo a ser perseguido. Nela a consciência do eu se encontra no mais profundo do seu espírito, nele o homem encontra a integralidade harmoniosa de sua individualidade e por meio da sua própria alienação alcança o crescimento interior de sua consciência.

Os Escritos Pedagógicos de Hegel são fundamentais para a compreensão da importância da Bildung nos processos pedagógicos da educação tanto grega como alemã. Não que Hegel se debruçou sobre uma pedagogia própria, ou mesmo tenha tido essa intenção de propor uma pedagogia moderna a partir do modelo de educação grega, mas que sua compreensão de formação para os jovens de sua época deveria prezar pelos estudos dos clássicos gregos bem como seguir uma conservação das questões morais do homem com a sociedade.

De acordo com Nicolau (2019, p. 87) Hegel defende em seus discursos pedagógicos uma “proposta curricular bem específica para o nível ginasial, o que demonstra a harmonia de seus pressupostos sistemáticos com o projeto de reforma que circunda o ensino alemão nesse período”. Nisso, Hegel não propõe uma pedagogia exclusiva sua, mas antes, faz uma ponderação em relação as demais propostas que se tinha e mediante todo conhecimento histórico do qual era conhecedor.

Contudo, fica evidente a atenção dada por Hegel à formação da sua época tendo como base a própria formação grega. Bildung e paideia se suprassume no contexto pedagógico hegeliano e traz a luz do conhecimento um caminho capaz de propor um processo educativo voltado à vida em sociedade, o que demonstra sua visão histórica e sua finalidade como educador.

Para Hegel:

O período clássico está lindamente a meio caminho entre a grosseira solidez de uma nação em sua infância inconsciente e a compreensão refinada da cultura, que analisou tudo e mantém tudo separado. Neste último estado, a vida íntima do todo emergiu como um espírito abstrato da mente dos indivíduos; A cada existência individual não foi concedida naquela vida mais do que uma participação fragmentada e distante, uma esfera limitada, acima da qual está a alma que combina e conduz à unidade todas essas rodas e movimentos

particulares; os indivíduos não possuem o sentimento e a representação ativa do todo. (1991, p. 120). (Tradução do autor)

E Continua:

Mas a vida ativa, a eficiência, o caráter trazem consigo esta condição essencial: a de atirar em um determinado ponto; quem quer algo grande, diz o poeta, deve ser capaz de se limitar. (HEGEL, 1991, p. 120). (Tradução do autor)

A aproximação de Hegel com o período clássico é antes de tudo uma compreensão histórica de cultura onde os valores defendidos são necessários também em seu tempo presente. Hegel não encontra simplesmente uma pedagogia grega, vai mais além, encontra uma ligação estreita entre a Bildung proposta em seu contexto e as necessidades reais da sociedade alemã. Daí resulta sua aproximação e pendor na proposta da retomada dos valores clássicos para a formação do indivíduo. Assim, Hegel busca determinar a educação clássica como uma formação do indivíduo enquanto consciência histórica, ética e livre.

Sendo assim, a finalidade da suprassunção da Bildung com a paideia grega se encontra na superação do homem sobre si mesmo. Tanto a paideia grega como a Bildung propostas por Hegel funda-se na vontade livre do espírito, bem como na universalização do seu pensamento. Só faz sentido uma educação se a sua finalidade última for para a construção de uma eticidade, da defesa dos valores essenciais e da garantia da liberdade e da paz da sociedade.

3.3 A Formação do Espírito na Bildung Moderna

A educação em Hegel é a educação para a universalidade. Uma das principais tarefas do filósofo alemão foi, em pleno século XIX, esclarecer seu conceito de Bildung e de modo prático colocá-la a serviço da sociedade, isso porque a formação hegeliana para a modernidade é a busca integral da educação do espírito para uma autonomia consciente de si e de seu lugar no Estado.

O caminho proposto por Hegel é o caminho percorrido pelo mundo grego. Sair da individualidade da consciência e caminhar para a universalidade do espírito. É fato que Hegel não propôs uma pedagogia da educação, nem muito menos elaborou um tratado sobre o processo formativo. Mas, sua preocupação se estende a superação dos limites humanos por meio da própria formação.

Assim como os gregos, Hegel pressupõe uma superação do indivíduo por meio da organização da sociedade e da participação do homem dentro das ações humanas. Nisso Hegel buscou no acervo histórico grego uma perspectiva de superação do espírito por meio da mudança intelectual e ao analisá-la desenvolveu seu caminho para a própria superação.

É importante destacar que para Hegel o homem é a própria história. Isso porque todo período histórico traz em si suas problemáticas e contribuições educacionais. A Idade Média, por exemplo, apesar de caminhar longe dos valores clássicos vividos e concretizados pelos gregos, também apresenta uma finalidade na busca da educação. Entre a dicotomia Fé e Razão está a intencionalidade formativa da educação medieval na formação de consciências.

Não é de se estranhar se percebermos na educação contemporânea elementos da tradição medieval. Isso porque a educação medieval tinha como base um florescimento não só para sua época, mas também para a posteridade. Segundo Schneider e Neotti (2007, p. 3) na idade medieval “desenvolveu-se então um novo conceito de educação, onde, acreditavam os pensadores desta época, as palavras possuíam em si a possibilidade de resgatar a experiência humana esquecida”. Mesmo diante da razão, a revelação sempre possuía a palavra final como verdade última do conhecimento.

A partir do século XV a educação ganha novos caminhos. A modernidade, com críticas ao sistema medieval inicia uma nova forma de pensar e com ela um olhar mais racional para a educação. René Descartes, filósofo francês, introduz no pensamento moderno a racionalidade e com ela a dualidade entre o sujeito e o objeto, a Res Cogitans e a Res Extensa. Diz Carvalho:

Emergem da obra cartesiana algumas ideias e concepções que vão caracterizar todo um período filosófico, sistematizando uma nova maneira de pensar. Se as humanidades não mais lhe compraziam, Descartes foi seduzido pelas matemáticas, devido às certezas e à evidência de suas razões. (2002, p. 06)

A busca principal de Descartes foi justamente a de apresentar uma verdade capaz de dar ao homem uma base sólida para sua própria existência. Com a construção racional da máxima “Penso, logo existo”, Descartes torna-se o modelo central e incontestável da valorização da razão na modernidade.

No entanto, um dos paradoxos deixados pelos modernos foi a dicotomia entre sujeito racional e autônomo e a necessidade que o próprio sujeito tinha de estabelecer limites a sua liberdade, e assim, conferir à coletividade uma forma de governar.

Só com Immanuel Kant e sua distinção entre uso público e uso privado da razão é que teremos uma primeira superação dessa querela deixada pelos modernos. Segundo Kant o uso público é aquele livre das amarras sociais, que mediante o povo, possa fazer uso livre da razão. O uso privado da razão é aquele em que se faz o uso em detrimento da própria função a que se destina cumprir. Entre ambos, o uso público é o que confere ao sujeito a livre autonomia de suas escolhas e de sua própria razão de ser.

Eis aqui por toda parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [*AUFKLÄRUNG*]? Qual não o impede, e até mesmo favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*AUFKLÄRUNG*] entre os homens. (KANT, 2018. p.2).

Portanto, assim, Kant justifica uma educação para a autonomia, visando estabelecer um convite ao educando, para que, mediante o uso racional da liberdade, saia da condição de menoridade, torne-se um ser humano autêntico e autônomo, capaz de distinguir de forma originária e pessoal o que é bom, justo e moral, e assim, agir enquanto dotado de razão e vontade, vindo a ser senhor de si e de suas próprias ações, de modo a estabelecer um estado de liberdade e autonomia.

Contudo, é com Hegel que a compreensão de razão no decorrer do seu desenvolvimento alcança a universalidade que Kant tanto buscou. Por um caminho contrário ao de Kant, Hegel sustenta que sem educação não há razão, autonomia ou liberdade, e que nenhuma sociedade se sustentaria sem a formação do espírito, uma vez este sendo a vida vivida pela humanidade, logo, universal. Novelli afirma que,

Para Hegel não há sociedade que se sustente sem a educação, pois ela é expressão da razão que busca estabelecer a liberdade e implantá-la enquanto prática corrente. Disso, deriva a concepção hegeliana de homem que se caracteriza pela construção de si com seus semelhantes através da história. Esse homem é responsável pelo seu destino e por sua felicidade que não se identifica de forma absoluta com qualquer estrutura material. (2001, p. 65).

Segundo Hegel o homem autoforma-se enquanto subjetividade. Por meio da história e do progresso do espírito, que é a própria ideia de mundo, a consciência adquire maturação sobre a capacidade de saber sobre si mesmo e nesse processo histórico-dialético alcança uma razão mais elevada. Essa subjetividade por sua vez é caracterizada como uma pluralidade de espíritos que se provocam e se contrapõem enquanto consciências livres e autônomas, e nesse movimento educa e autoeduca-se para uma consciência de si universal, qual Hegel chamou de razão.

Sem dúvida a grande contribuição de Hegel para a educação foi a sua compreensão dialética entre homem, sociedade e história. Com a superação da concepção grega de educação (*paidéia*), Hegel coloca no mundo o lugar de destaque da formação humana, por meio do espírito e tira da natureza os resultados impostos de uma educação dada por vias naturais.

Para atingir uma educação para a razão de si, ou seja, uma unidade do espírito subjetivo com o espírito objetivo, é necessário um processo de maturação, de passagem da consciência para autoconsciência e, assim, seu educar-se a si mesmo. Tudo isso para Hegel só é possível pelo decorrer da experiência humana, da história em si, pois é por meio dela que a razão de si avança na capacidade de ver o mundo a sua volta, de saber-se a si mesmo e de formar-se, sendo educador e educando.

Conclui Silva que:

Tendo atingido o momento da razão, o espírito subjetivo educou-se para a universalidade e, no decorrer de seu desenvolvimento, superando-dialeticamente cada momento precedente – alma, consciência e ‘consciência-de-si’ -, o espírito subjetivo avançou no seu educar-se. Essa formação subjetiva decorrente do processo de seu desenvolvimento confere-lhe o progresso do saber sobre si mesmo e, conseqüentemente, o avanço na apreensão do conceito da liberdade. Sendo subjetiva, essa formação, então, é uma autoeducação. Aqui, o termo ‘educação’ deve ser acionado, pois é o que melhor define o caráter subjetivo da formação que está ocorrendo. (2013, p. 36).

Nesse processo de educar para a razão de si, e mais precisamente através do olhar hegeliano sobre a formação humana, é necessário destacar a fundamentação da educação através de uma postura cultural ética. Tanto pelo processo histórico de superação de si, como da prática resultante desse processo de autoformação de si consigo mesmo e de si para o outro.

Esse processo da razão de si, Hegel entende como a própria busca do espírito pela autonomia. Essa autonomia acompanha a consciência do espírito por todos os

âmbitos de sua vida. Não cabe a uma instituição determinada a educação total do processo formativo. A formação do espírito, antes de tudo, é uma responsabilidade individual, mas que por meio da mediação dos âmbitos institucionalizados, Estado, família, escola, entre outros, torna-se uma formação para a coletividade. A autoformação não é um processo para o ego, mas um processo para a razão de si dentro de uma comunidade. Por isso a grande preocupação de Hegel é estender tal compreensão a juventude de sua época. Diz Hegel.

A educação para a autonomia exige que os jovens se habituem desde cedo a consultar os próprios sentimentos sobre o que é conveniente e a sua própria compreensão, e que se deixe uma esfera ao seu arbítrio, tanto em relação aos mais velhos, naquele que ela mesma a determina como conduta. (1991, p. 107). (Tradução do autor)

A educação para Hegel tem o papel central de trazer o indivíduo para a vida do Estado. Isso porque é dentro do Estado que a razão de si se apresenta para o próprio indivíduo. Daí resulta tamanha preocupação de Hegel com o tipo de educação que o Estado oferece à sua juventude. É interessante notar essa preocupação de Hegel em relação a educação oferecida, haja vista que a educação é a base de sustentação do Estado. Uma vez fragmentada a educação compromete-se a organização e desenvolvimento do Estado.

O que é relativo à educação da juventude nos últimos tempos e que se tem levado a cabo e ordenado pela antevisão do nosso gracioso Governo, certamente não constitui mais do que um aspecto particular de toda a vida do Estado que no nosso tempo se configurou de novo em todos os sentidos, e se não quisermos subestimar o que é relativo à vida moral dos homens, teremos esse aspecto como muito importante; ao mesmo tempo, reconheceremos também, com gratidão, que a atenção a este ponto e as mudanças nele introduzidas constituem um dos bons frutos desta época; pois este tempo também produziu bons frutos. (HEGEL, 1991, p. 127). Tradução do autor)

Entender esse lugar do processo formativo, ou até mesmo do autoeducar-se para a consciência do espírito é o cerne de todo esforço hegeliano para uma pedagogia da educação. Para Silva (2013, p. 40) a “realização da autoconsciência através de si mesma, sugere o que poderia ser o processo de autoeducação moral do espírito, no qual os princípios que determinam o agir progridem dos desejos singulares até as normas morais universais”. Esse movimento que parte do

particular, auto educar-se, alcança uma determinação universal, que é a razão, ou como caracterizado por Hegel o espírito absoluto.

Esse percurso da razão de si para o ser universal Hegel entende como um processo dialético, que não tem fim em si mesmo, mas que progredi sempre em busca de uma infinitude constante. A educação é um processo aberto, por isso que a compreensão de homem é tão importante para Hegel, pois a educação é uma questão antropológica, que tem no seu objeto, o homem, sua própria finalidade. Assim, vemos que o homem não é um ser estático, imóvel, determinado, e sim um ser inacabado, aberto as possibilidades que o circunda e posto para caminhar à luz de suas próprias mazelas, visando alcançar o mais alto grau de razão que possa, quem sabe, salvar de si mesmo.

4 HEGEL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Tratar da educação contemporânea é antes de tudo a busca do homem pela verdade de si, movimento contínuo do espírito que busca por meio da superação do ser adentrar a morada humana e alcançar sua verdadeira essência, o saber.

4.1 A Essência como Fundamento da Formação Humana

A formação hegeliana antes de tudo é a educação do homem para a verdade. Toda educação se dá em um movimento mútuo entre conhecimento de si e conhecimento para si. É nesse movimento que Hegel busca representar em seu sistema um caminho para o saber por meio da suprassunção do espírito.

Hegel na “Ciência da Lógica”, quando busca determinar a doutrina da essência é categórico quanto ao conhecimento pois para ele “a verdade do ser é a essência” (2017, p. 31). Isso porque a segunda parte da lógica hegeliana “corresponde ao momento em que, por assim dizer, a Ciência da Lógica, na elaboração metafísica passa pela realidade efetiva e apreende o ser em sua manifestação na existência”. (MORAES, 2003, p. 117).

Importante destacar que para Hegel o absoluto é a essência, assim como o absoluto é o ser. No processo de formação humana a que se insere a compreensão hegeliana de existência o que temos é a busca do ser pela verdade, e essa busca só é possível por meio do saber. No entanto, esse ser é o imediato, é aquilo que é, mas que busca pelo vir a ser. Todo vir a ser é um movimento em prol do conhecimento, do ainda não compreendido, mas que de alguma forma se mostra e se justifica pelo próprio ser. Esse é o caminho da formação humana pela essência, uma vez que diante do conhecimento verdadeiro o ser passa a compreender a si mesmo e a sua essência.

Segundo Hegel:

Na medida em que o saber quer conhecer o verdadeiro, o que o ser é em si e para si, ele não se detém no imediato e em suas determinações, mas o penetra com a pressuposição de que atrás desse ser ainda está algo diferente do próprio ser, de que esse pano de fundo constitui a verdade do ser. Esse conhecimento é um saber mediado, pois ele não se encontra imediatamente junto e dentro da essência, mas começa a partir de um outro, a partir do ser, e tem de fazer um caminho prévio, o caminho do ir além do ser ou, antes, de entrar no mesmo. (2017, p. 31)

Entre os gregos antigos o desejo de conhecer era uma atividade inerente à condição humana, as bases aristotélicas, por exemplo, estão alicerçadas na busca pelo saber. Em Hegel não se faz diferente, o movimento do ser em sua naturalidade tende ao saber, busca constantemente pelo conhecimento, pois o ser movimenta-se em busca da sua própria essência, ele “interioriza-se, e, através deste ir para dentro de si, torna-se essência”. (HEGEL, 2017, p. 31). A essência, assim para Hegel, se caracteriza como um perfeito retorno do ser para dentro de si mesmo formando uma unidade absoluto do ser-em-si e do ser-para-si.

Diz Hegel:

A essência provém do ser; ela não é, nessa medida, imediatamente em si e para si, mas um resultado daquele movimento. Ou seja, tomada inicialmente como uma essência imediata, ela é um ser aí determinado, ao qual se contrapõe um outro ser aí; ela é apenas um ser aí essencial frente a um ser aí inessencial. (2017, p. 35)

Hegel conceitua que a essência provém do ser, ela se caracteriza como o suprassumido em si e para si, ou seja, tomada para si como elemento essencial ela se contrapõe a um elemento inessencial, assim, para Hegel a essência é um elemento determinado, mas que se põe a partir do movimento com o próprio ser. Para Moraes (2003, p. 118) “não se trata, aqui, de um movimento que seria apenas atividade do conhecimento, enquanto conhecimento exterior à coisa, mas de um desenvolvimento que é, sobretudo, movimento do ser mesmo que se interioriza e, ao se interiorizar, converte-se em essência”. Essa compreensão de movimento da essência com o ser tem papel fundamental na formação humana. Tanto conhecer como pensar, em Hegel, são categorias relevantes para a formação do ser, uma vez que conhecer é por natureza pensar o ser.

A essência como ser suprassumido pressupõe para Hegel três momentos fundamentais, que aqui podemos destacar como elementos basilares para o processo de formação humana. O primeiro momento é o da essência como lugar de reflexão. Para Moraes (2003, p. 119) esse momento é o de “rebaixamento do ser, através do qual o ser é determinado sob a condição da aparência, de onde a necessidade de ter na essência o seu fundamento”. O Segundo momento é da essencialidade ou da aparência, onde “uma vez justificado o ser na descoberta do seu fundamento (essência), encontra-se o ser, no entanto posto como aparência, e, com isso, o ponto consiste em determinar as relações entre essência e a aparência.

(MORAES, 2003, p. 119). O terceiro momento é o da essência, ou da realidade efetiva, “no qual está implicado o conhecimento, ou melhor, a tomada de consciência da unidade da essência e da aparência que corresponde, mais precisamente, à unidade do fundamento do ser.” (MORAES, 2003, p. 119). A partir desses três momentos a formação humana passa por um processo interno de desenvolvimento que se efetiva pelo enriquecimento do ser em conhecer a si e a outrem por meio do desdobramento da própria essência. Nesse movimento o que se caracteriza é o encontro do ser com a verdade, a formação humana por meio do conhecer que identificado com a essência a transforma a partir da reflexão dela mesma.

Aqui vale destacar a discursão em torno da reflexão hegeliana enquanto essência. Para Hegel “essência é reflexão” (2017, p. 43), essa reflexão é movimento próprio do ser, ser esse que “subjaz a determinidade” (2017, 43) e se faz relação com o outro. Assim, compreender a reflexão enquanto essência, é perfazer o caminho do ensino-aprendizagem que propõe o próprio Hegel na ideia de Bildung. Se por um lado a reflexão promove “um “rebaixamento” do ser, através do qual o ser é determinado” (MORAES 2003, p. 119), por outro a própria reflexão causa o movimento exterior e interior do próprio ser.

Essa reflexão exterior-interior é processo pelo qual é possível encontrar dois extremos que se completam, é uma relação de aluno-professor, ensino-aprendizagem, que mediante as provocações do ser se negam e se afirmam promovendo assim uma suprassunção do ser. Com isso poderíamos dizer que o processo externo do ser se vincula a prática docente, enquanto que o processo interno do ser se vincula a autoformação, essa vinculação é própria da Bildung, é própria da essência que primeiramente se relaciona consigo mesma, para determinar-se como oposição e por último como contradição de si mesmo. Esse processo dialético “caminha no sentido de vir-a-ser um conhecer que é ser” (MORAES, 2003, p. 116), um conhecer absoluto que fundamenta a formação do próprio ser, do homem enquanto ser em si mesmo.

Seguindo, portanto, a análise da essência como fundamento da formação humana, é interessante destacar que a própria essência, em Hegel, determina em si mesmo o próprio fundamento. Hegel primeiramente coloca a essência como sua negatividade e nesse negar-se a si mesmo a essência realiza um retorno para dentro de si, onde busca encontrar em si mesma a reflexão pura de sua própria

existência. “Ela é essa negatividade pura como o retorno do ser para dentro de si; assim, ela está determinada em si ou para nós como o fundamento em que o ser se dissolve”. (HEGEL, 2017, p. 93). Essa negatividade, colocada por Hegel, se contrapõe a própria positividade da essência, uma vez que essa determinação negativa da essência, necessita obrigatoriamente da contrariedade do seu ser para que se possa existir uma reflexão verdadeira da essência.

O fundamento é, portanto, ele mesmo uma das determinações de reflexão da essência, mas a última, mais ainda, somente aquela determinação de ser determinação suprasumida. A determinação de reflexão, na medida em que ela vai ao fundo, adquire seu significado verdadeiro de ser seu contrachoque absoluto dentro de si mesma, a saber, o fato de que o ser posto, que compete à essência, é apenas enquanto ser posto suprasumido, e, inversamente, que apenas o ser posto que se suprasume é o ser posto da essência”. (HEGEL, 2017, p. 93)

Como aqui o que se busca é a fundamentação da formação humana pela essência, vale salientar que a essência em sua determinação formativa provém de si mesma. No entanto, a essência do conhecer é o próprio conhecimento. Para Moraes (2003, p. 123) “essa é a razão pela qual o conhecer nada é sem seu produto – o conhecimento e, por conseguinte, o Absoluto enquanto Conhecer Absoluto implica o ato de produzir-se a si mesmo na forma de conhecimento, através do qual alcança sua efetividade”. Essa essência que se nega e afirma-se está em constante movimento enquanto identidade da essência consigo mesmo. Todo conhecimento parte, antes de tudo, da busca e do desejo de provocar-se. Não que a essência já venha com algum conteúdo pré-existente, mas que, diante do outro existente é da natureza da essência conhecer e questionar-se quanto a veracidade do conhecimento. É nesse processo de provocar-se que a essência se fundamente na existência. Diz Hegel:

Assim como a proposição do fundamento exprime: “Tudo o que é, tem um fundamento, ou seja, é um posto, um mediado”, teria de ser estabelecida e expressa também uma proposição da existência: “Tudo o que é, existe”. A verdade do ser não é de ser um primeiro imediato, mas sim de ser a essência que surgiu na forma da imediatidade”. (2017, p. 135)

Para Moraes:

Com isso se põe que o fundamento, longe de ser algo como um interior abstrato, é posto como existente, de modo que a existência mesma não é carente de fundamento, como se este fosse uma abstração mental surgida dos jogos do intelecto. Mesmo a linguagem

da consciência não-filosófica expressa isso ao se referir, por exemplo, ao fundamento de um edifício e nisso significar algo que existe no interior do solo, mas como uma parte da edificação sem a qual o edifício não poder ser o que é, ou ainda, no sentido de algo que dá sustentação e cimenta o nexo do existente, como diz o próprio Hegel quando a *consciência ordinária considera como fundamento da constituição de um povo, seus costumes e condições de vida*. (2003, p. 125)

Todo processo formativo é uma construção da essência humana. A formação do ser em sua determinação se dá pela compreensão do homem em sua essência. É na essência que o absoluto do ser se manifesta. Para Ginzo (1991, p. 31) “O absoluto deve ser determinado colocando a <<contradição>>, mas ao mesmo tempo <<superando>> esta contradição eternamente”. A formação humana é posta então por Hegel como um caminho em aberto no qual partindo do ponto inicial o ser em seu percurso descobri novas vias de conhecimento que se estruturam como meios do encontro consigo mesmo. Com isso, é preciso compreender que esse caminho não é uma travessia solitária, todo processo formativo exige do próprio ser a relação consigo e com o outro, uma relação mútua do inteiro com o exterior, haja vista que toda educação é processo formativo para a vida consigo e com o outro, com uma particularidade da minha essência, mas, também, com uma infinidade de outras culturas e modos de ser.

Vale ressaltar, para compreender melhor o que aqui se diz que “a unidade do exterior e do interior, e, sobretudo, que nessa relação não se pode falar em preponderância de um sobre o outro; trata-se de uma relação de determinação mútua”. (MORAES, 2003, p. 134). Pensar nessa determinação mútua da formação humana é um ponto central da educação hegeliana, isso porque a educação em Hegel é dialética, processo aberto e infinito, assim como o próprio homem. Todo ser é um ser para a infinitude, que busca a cada dia a complementariedade de sua essência, ainda que em si sua essência seja completa e finita, nunca estará acabada.

Nos dias atuais Hegel se encontra muito presente na compreensão de formação humana. Todo processo educativo, antes de tudo é dialético, busca o ponto de conciliação do ser interior com seu exterior e almeja uma formação voltada para a vida, para a coletividade, diante das individualidades presentes. A formação hegeliana é uma formação para o todo, a verdade é o todo nas palavras de Hegel.

Não há como fugir para uma determinação universal, sem antes compreender a si mesmo e compreender o que a si se apresenta.

Hegel busca demonstrar a necessidade não de uma lei universal, mas de como me comporto com as leis que me apresentam a diferença do outro. Universalizar a educação é negar a história de vida de um povo, é cancelar o processo cultural de milhares de anos de uma civilização é negar a identidade de cada pessoa humana. A educação deve ser uma educação da essência como fundamento humano, em sua inteireza, com todos os desafios e diferenças que possa existir, e assim, enfrentando as contrariedades da vida humana, possa o espírito alcançar a cada passo uma significação melhor para a vida.

Na medida em que a formação da essência for em si, ela será unidade absoluta, permanecendo, portanto, dentro de uma unidade capaz de compreender as múltiplas dimensões do ser e do seu agir, estabelecendo uma educação efetiva para a vida, para a autonomia e para a liberdade. A fundamentação da essência na formação humana se apresenta como uma espécie de voltas circulares, onde cada volta se torna necessária para se alcançar a verdade absoluta do seu próprio ser.

4.2 Educação, Família e Estado

O ser humano em sua existência se percebe como um ser em construção. As possibilidades são os parâmetros da vida humana e seu existir se movimenta como um processo constante de vir-a-ser. Todo processo formativo passa por essa composição de existir mediante as limitações e as superações humanas e essa abertura do homem para o encontro consigo mesmo chama-se educação.

A compreensão hegeliana de educação está voltada para a educação da humanização, pois para Hegel educar um homem implica levá-lo a tornar-se humano. O ser humano cria constantemente a si próprio e cria através do conhecimento o mundo exterior e interior do qual faz parte. Nessa relação de abertura do espírito para o conhecimento o homem encontra a possibilidade de tornar-se cada vez melhor.

O processo formativo de educação de um homem se assemelha com o processo formativo do espírito, ou seja, toda educação é um caminho de formação do espírito para a vida. Novelli (2001, p. 75) diz que “o homem, em Hegel, é contínua passagem, contínuo vir-a-ser sempre filho de seu tempo, do que o precedeu e do

que está por vir enquanto resultado de sua própria atividade. A educação torna-se assim, esse caminho de transgredir a própria natureza.

Para Hegel uma educação para a humanização é aquela capaz de torna o ser humano autônomo e independente. Não que seja um ser individual, mas um ser individualizado, que age conforme o conhecimento e que se universaliza a partir da compreensão do uno e do múltiplo. Ninguém vive sozinho e a educação para a vida hegeliana se manifesta nessa sociabilidade da vida consigo e com o outro.

A concepção de educação hegeliana está alicerçada na compreensão do que é o homem. “Para Hegel, a totalidade resume-se no absoluto e o homem para ser compreendido enquanto tal, precisa ser visto nesse contexto totalizante”. (NOVELLI, 2001, p. 78). A educação humana se dar, então, entre o contexto natural da realidade exterior e a formação do espírito, isso para Hegel implica no caminho para a autonomia, pois a educação potencializa as rupturas do homem natural para o espírito absoluto, para o homem livre.

A educação passa assim, a aprender a se perguntar sobre a vida, na vida e com a vida, até porque não somos nós que perguntamos pelo sentido de nossas vidas, mas é a própria vida que indaga a respeito da qualidade como eu a estou vivendo. É esse homem como conjunto de forças interiores e exteriores, ora conciliatórias, ora contraditórias, que necessita compreender sobre sua vida, pois, fundamentando-se nesse processo de educação ele tem a possibilidade de transcender a sua própria natureza, carregada de medos, fugas e receios e procura através do conhecimento da verdade assemelhar-se a ao que é bom e ético.

Um ponto basilar da educação hegeliana é a função da Família e do Estado na formação do cidadão. A primeira responsável pela educação é a família, sendo a família a base de sustentação de elevar a criança ao estágio de autonomia e liberdade. A própria família funciona para Hegel como uma pessoa jurídica na qual tem a responsabilidade primária de formação. Toda educação começa assim, segundo Hegel, dentro de casa, para depois, munido do conhecimento ético e do comportamento livre dos vícios naturais receber a formação intelectual dada pela escola. Segundo Silva (2013, p. 74) “Hegel defende que os pais têm o dever de prover a educação de seus filhos. Esta ação se integra na efetividade da vida ética, pois é o meio real de constituir racionalmente a sociedade”. É através da educação

familiar que os filhos adquirem as bases da vida ética e justa, perfazendo a formação inicial dentro do próprio meio familiar.

Para Hegel:

Com efeito, a vida em família, que antecede a vida na escola, é uma relação pessoal, uma relação de sentimento, de amor, de fé e de confiança natural; Não é o vínculo de uma coisa, mas o vínculo natural de sangue; a criança tem um valor aqui porque é a criança; Ela experimenta, sem mérito, o amor de seus pais, assim como ela tem que suportar sua raiva, sem ter o direito de se opor. Ao contrário, no mundo, o homem tem valor pelo que faz; só tem valor na medida em que o merece. Poucas coisas acontecem com ele por amor e por causa do amor; aqui vale a pena, não o sentimento ou a pessoa em particular. O mundo constitui um ser comum independente do subjetivo; o homem é válido aí segundo as aptidões e aptidões para uma das suas esferas, quanto mais se desviou da sua particularidade e se formou no sentido de ser e agir universal. (1991, p. 105) (Tradução do autor).

A dimensão familiar na formação do homem é a base para uma sociedade organizada. Se a família se comporta como mediadora e principal educadora de sua prole, logo ela se comporta como meio organizacional da própria sociedade. Em Hegel a organização das famílias em meio a uma formação ética resulta na unidade básica de formação da sociedade civil. O papel da família, além de prover a educação dos filhos para a autonomia da liberdade é também, o papel de estabelecer limites e de iniciar a criança no contato com o mundo, nas convivências sociais e assim contribuir para uma sociedade disciplinada e instruída.

A família em si adquire as responsabilidades sócias de formação dos filhos. Educar, cuidar, conviver, socializar e formar, são ações inerentes as famílias e cabe na falha desta ao Estado resguardar as faltas e as carências familiares de formação dos filhos. No entanto, Família, Estado e Educação devem caminhar em sincronia, pois cada um se fundamenta a partir da concretização mútua em uma esfera central a qual chamamos de civilização.

Na atualidade é comum ver as esferas sócias se confundindo no processo formativo. A família encarrega a escola de disciplinar e educar, a escola cobra do Estado condições dignas de realizar seu papel de formação intelectual e o papel da família de mediadora e conciliadora dos conflitos existentes nos seios familiares. O Estado por sua vez não consegue cobrar a participação efetiva da família no processo educativo, tornando assim, a educação um caminho fragmentado e de profundas marcas na vida social.

Hegel deixa claro que somente mediante uma ação comum da família e da escola é possível alcanças com êxito a formação moral do indivíduo. Para Hegel é extremamente importante que família e escola “não se atrapalhem, que um não enfraqueça a autoridade e a estima do outro, mas sim que se apoiem e colaborem mutuamente para alcançar o objetivo comum, que é tão importante”. (HEGEL, 1991, p. 108). Esse objetivo deve destinar-se ao meio social em que se vive. Nele as diferenças, o reconhecimento das culturas existentes e a observação da integração efetiva de um povo dentro do Estado devem ser seguidos e respeitados. Assim, a passagem do homem do mundo família para o mundo escola deve ter como ponto comum a preparação do homem para a vida inserida na sociedade civil.

Segundo Silva (2013, p. 83) a “perspectiva da educação enquanto formadora do cidadão ético para uma plena vida ética é o objeto do Estado”. O Estado enquanto sociedade civil se comporta como uma pessoa universal. Se antes a família se comportava como pessoa jurídica, agora o Estado se fundamenta como esfera reguladora da pessoa jurídica singular que é além da família, também a escola. Para Meneses (2006, p. 31) “a sociedade é a base do Estado, e esse não pode subsistir quando deixa sua base apodrecer”. Hegel é muito firme quando trata do Estado, mesmo defendendo a ideia da não interferência direta do Estado na sociedade, este sabe que quando preciso o Estado deve intervir para manter as condições necessárias de organização social.

Referindo-se a realidade da sociedade hodierna, da qual podemos destacar a presença real do pensamento hegeliano, o Estado se constitui como Estado democrático de Direito e este se fundamenta por meio de constituição. A formação educacional atual é regida pela Constituição do Estado, da qual trás os fundamentos, as garantias e os limites do Estado. Nisso, tanto as instituições familiares, quando educacionais estão inseridas na composição social do Estado e nele tem responsabilidades, direitos e deveres e que só mediante a educação para a efetividade plena do sujeito é possível garantir um estado harmônico. Em contrapartida cabe ao Estado o dever de cumprir a sua tarefa mediadora da ação educadora na construção de uma sociedade ética e de paz.

Assim, se é da família acionar a educação para o bem-estar de seus filhos, se é das corporações ativá-la para a maior eficiência de seus trabalhadores na sociedade, é então tarefa da Estado acioná-la a favor do interesse universal. Movido por uma vontade racionalmente

determinada, o Estado deve apontar a Erziehung no sentido de elevar todos à Bildung. (SILVA, 2013, p. 83)

Escola, Estado e Sociedade tornam-se para Hegel uma tríade onde as bases da educação devem perfazer a unicidade dessas esferas. É evidente a preocupação de Hegel, principalmente em seu período como reitor, com a educação do jovem para uma vida no Estado. Não é coincidência encontrar, atualmente, o pensamento hegeliano na sociedade, nas propostas pedagógicas de ensino e na formação e organização do Estado.

Nenhum Estado sobrevive sem educação, e todo processo educativo deve ter como centro o cuidado com a sociedade civil. Assim, é necessário que a educação esteja alinhada com os interesses sociais. O desenvolvimento da sociedade exige da própria educação a conformidade com os interesses da sociedade. Mas, a formação educacional, antes de mais nada, deve propiciar a formação moral do educando.

4.3 Contribuições Hegelianas na Formação Escolar

Hegel foi um ser do mundo. Não se limitou a pensar apenas o óbvio e por mais que seja questionado e mal compreendido, sua contribuição para o pensamento da filosofia ocidental é de valor inigualável. Seu sistema é um grande campo onde pode-se percorrer céu aberto em busca das mais diversas nuvens em que se possa formar.

Sabe-se que a intenção hegeliana não foi pensar uma educação, muito menos oferecer uma pedagogia do ensino, mas seu tempo de reitor o ajudou ainda mais na sua vida de educador. Grande no pensar, Hegel precisou de pouco para fazer tanto. Sua obra é um verdadeiro caminho antropológico. O homem é um ser-para-a-vida nas obras de Hegel. Desde as ciências filosóficas até sua mais cobiçada obra, a Fenomenologia do Espírito. Seu maior adversário, contrário ao que pensa muitos historiadores, não foi o Immanuel Kant, mas foi a si mesmo. Hegel buscava vencer a si mesmo, talvez em nome do próprio progresso, aquele que viu adentrar porta adentro a cavalo com Napoleão Bonaparte.

Escola, Estado, Sociedade, homem, espírito, conceitos necessários para compreender o pensamento do filósofo prussiano. Para Silva (2013, p. 68) “a filosofia hegeliana, em linhas gerais, defende e baseia-se no progresso teleológico da humanidade cujo sentido é o avanço na consciência em relação à liberdade”. Ou

seja, para Hegel o ato de progredir diz mais respeito ao progresso da consciência humana do que do modo como o Estado avança. É por meio da consciência humana que os fundamentos gerais da vida do homem se efetivam, só assim é possível falar em uma universalização da razão humana.

A escola para Hegel tem um papel fundamental, pois é na escola que o senso crítico e a formação da vida para a sociedade serão provocados. Preocupado em propor uma educação capaz de oferecer uma proposta de mudança para a juventude, Hegel percebe a importância da grade curricular na formação escolar e do ensino como agente formador da consciência humana. Assim, segundo Ginzo:

Hegel vê na pedagogia de sua época o perigo de um formalismo vazio, destituído de conteúdo, e por isso se sentirá induzido a insistir mais nos conteúdos da prática docente do que nos métodos pedagógicos propriamente ditos. Como B. Bourgeios aponta, "a pedagogia da ciência tem, aos olhos de Hegel, um interesse mais científico do que pedagógico". (1991, p. 18) (Tradução do autor)

Hegel está situado em um momento histórico de reviravolta na formação dos Estados. A Europa já iniciará a reformulação dos Estados Nacionais Modernos, no entanto a Prússia vivia ainda os resquícios do despotismo, mas com a sinalização para o progresso, para uma mudança de mentalidade quanto ao papel e formação do Estado. Assim, Hegel reconhece na educação o caminho para uma mudança e essa mudança nada mais tinha como campo de reflexão a escola. "Mas para que o ensino oferecido na escola frutifique nos que estudam, para que nele progridam, é tão necessária a sua aplicação pessoal como o próprio ensino". (HEGEL, 1991, p. 90). Há Hegel foi dado a incumbência de repensar a formação escolar de sua época, e isso não foi coincidência, já que um dos fatores dessa responsabilidade partiu de um grande amigo, Niethammer.

Para sua época Hegel propôs uma série de mudanças e de novos engajamentos no ensino escolar. Propôs etapas personalizadas, com grade curricular definida, atividades laborais, como a ginástica, e a introdução a línguas antigas, pois para Hegel o conhecimento clássico é fundamental para a formação humana, e tal introdução seria mais fácil se seu começo fosse pelo ensino das línguas. Diz Hegel:

Constituiu, entre outras coisas, uma deformação da essência da formação por meio de línguas antigas, o desejo de converter a aquisição de seus conhecimentos em mero aprendizado, como é o suficiente no caso de uma língua viva ou apenas de conhecimentos relacionados à história natural, tecnologia e afins são aprendidos,

pelo menos porque são acessíveis aos jovens. (1991, p. 92)
(Tradução do autor)

Outra importante contribuição hegeliana é a relação entre escola e família. Essa discussão, diga-se de passagem, é muito presente nos dias atuais. Estabelecer e definir o papel da família e da escola no processo de formação do jovem estudante é fundamental para Hegel. Para Hegel o aluno já deve aprender em casa a educação e a disciplina. A escola não é o lugar onde a crianças deve aprender as boas maneiras, mas sim, o lugar do engajamento intelectual, da busca pelo conhecimento de si e do mundo.

Em relação a isso, há um outro objeto importante, a respeito do qual a escola ainda se relaciona de forma mais necessária com a esfera doméstica e tem demandas a ela colocar, a saber, a disciplina (Disziplin). Distingo aqui a disciplina (Zucht) dos costumes e a formação dos mesmos. A disciplina em si não pode ser o objetivo de um instituto de ensino, mas apenas a formação de costumes, e mesmo isso não é abordado de acordo com toda a gama de meios. Um instituto de ensino não precisa produzir primeiro essa disciplina, mas pressupô-la. Devemos exigir que as crianças venham para nossa escola já educadas. De acordo com o espírito dos costumes de nosso tempo, a disciplina, tomada em sua imediação, não é, naturalmente, como aconteceu com os espartanos, um assunto público, uma tarefa do Estado, mas o papel e dever dos pais, - a com exceção de orfanatos ou seminários, em geral os estabelecimentos que abrangem toda a existência de um jovem. (HEGEL, 1991, p. 92)
(Tradução do autor).

Família e escola são colunas edificantes na formação escolar. Não deve haver entre elas pesos distintos, nem compreensões distorcidas da importância e finalidade de cada uma. Um grande problema na educação hodierna é justamente identificar até que ponto deve ir a família, até que ponto é papel da escolar lhe dar com os comportamentos dos seus alunos. Segundo Hegel, a escola compartilha com a família a vida da juventude, assim “é extremamente necessário que não se obstaculizem mutuamente, que uma não debilite a autoridade e a atenção da outra, mas antes se apoiem e colaborem entre si para alcançar o fim comum, tão importante”. (SILVA, 2013, p. 94). Família e escola são elos de ligação para uma melhor educação e para uma formação integrada do jovem educando com a sociedade.

Há um outro aspecto que para Hegel se apresenta com grande importância que é a educação do espírito frente a uma formação cultural e ética. Hoje, mais do que nunca é de fundamental importância essa questão, tendo em vista a globalização

dos povos, a rápida troca de informações e o contato real e instantâneo entre os mais diferentes povos e culturas. De acordo com Hegel:

Há também um outro aspecto, quase ainda mais importante, que também é da competência da escola em relação aos princípios e formas de ação, a saber, o aspecto segundo o qual princípios e formas de ação não são conduzidos conscientemente ao espírito, mas antes na medida em que constituem um elemento substancial, no qual o homem vive e de acordo com o qual ele acomoda e regula sua organização espiritual, na medida em que os princípios lhe aparecem antes na forma de costume e se tornam hábitos. (HEGEL, 1991, p. 102) (Tradução do autor)

Ação ética e consciência cultural são para Hegel fundamentos de caráter pedagógicos, nos quais deve existir por parte dos centros de ensino uma atenção a essa realidade, estabelecendo reflexões e propostas pedagógicas de ensino e compreensão das mesmas. A educação contemporânea tem ficado as margens da compreensão ética e cultural. O sistema político dos Estados, em muitos casos apresentam rupturas e formas de condutas distintas com os cargos ocupados. O reflexo social é o mesmo em relação ao campo ético. A moral e a ética já não são tão valorizadas e em meio a tantas indiferenças prevalece o desejo pessoal e as individualidades egocêntricas, traços remanescentes de sociedades descuidadas da formação das crianças e jovens estudantes.

A cultura é outro fundamento pouco valorizado na formação atual. A formação humana passou a limitar o estudo das culturas apenas com as influências e datas marcantes de sua história. Falta na formação escolar parâmetros e suporte que colaborem com o ensino e aprendizagem das diferentes culturas. Em muitos casos é sistematizado e proposto tal ensino, mas ainda de forma bastante solta e inexpressiva.

Para Silva:

Com Hegel, aqui, intenciona-se trazer à baila a provocação de suas reflexões no que concerne à questão da relação entre formação de uma cultura ética com a realidade político-pedagógica dos processos educacionais. Provocou-se que, sem a referência a um projeto ético, mesmo que difuso perde-se tanto a capacidade de distanciamento crítico diante dos processos educacionais vigentes quanto a capacidade da aproximação engajada na defesa de uma proposta. Isto é, sem uma proposta do “por que educar”, ou seja, do “educar para este ou aquele modelo de vida ética, de vida em sociedade”, a questão do “educar para que?” perde todo e qualquer sentido. Fato que condenará – em relação à educação e à vida como um todo – a não sentirmos mais nada. (2013, p. 97)

Pensar as contribuições hegelianas frente ao processo educativo é uma tarefa bastante árdua. Hegel é um educador por excelência e conhecer o campo pedagógico muito bem. Sua visão de mundo e as circunstâncias em que estava inserido o forçava a buscar no horizonte prussiano uma saída das amarras do mundo medievo. Seu trabalho como reitor o ajudou a perceber o quadro educacional em que vivia e a propor caminhos de superação e novas práticas educativas mais eficazes. Não é de se estranhar que na atualidade o pensamento e as contribuições hegelianas estejam tão presentes, assim como, sua prática e organização escolar. Não que tenhamos ficados presos no tempo, mas sim pela profundidade e melhorias que Hegel pensou.

5 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Na presente seção abordaremos a intervenção pedagógica, momento determinante para o processo teórico-prático da presente dissertação e que contribui de forma efetiva para o ensino de filosofia.

5.1 Introduzindo a Temática Proposta

O que é educação? É possível educar alguém? Quem poderia definir categoricamente o que é educação, já que muitos a entendem como um processo aberto e contínuo. Se levarmos em consideração que o conhecimento é sempre aprendido de maneira formal ou informal a educação sempre apontará o homem como finalidade primeira e última mediante todas as suas formas de ser e existir.

Um ponto importante para uma análise sobre o que é educação é a sua compreensão como um movimento contínuo, ininterrupto, dialético e que perpassa uma vida inteira de modo que o ser humano busque por meio da educação formal ou informal alcançar sua melhor condição de existência. Para Hegel a educação é um movimento constante em que o homem (espírito), estaria em uma relação permanente com a formação moral, a cultura, a eticidade e a cidadania, assim, caberiam a educação educar o homem para a autonomia, onde se realiza a capacitação dos saberes necessários para a vida, bem como, para a vida em sociedade. Mesmo tendo Hegel à autonomia e a libertação como meta da educação, ainda assim permanece integrado ao Estado e por isso sua compreensão de educação versaria sobre uma pedagogia política. Segundo Ginzo (1991, p. 49), “é certo que Hegel vai esclarecer que devemos seguir a resposta de um antigo pitagórico antes da pergunta sobre a melhor forma de educar eticamente as crianças (sittlich): << torná-las cidadãs de um Estado de boas Leis>>”. O que se encontra em Hegel é justamente o compromisso com a educação e a realidade do seu tempo, tendo como parâmetro uma supressão do homem para com sua posteridade.

Para ajudar a refletir sobre a formação educacional do homem vamos recorrer tanto a “Pedagogia da Autonomia”, quanto a “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire. Paulo Freire delineou uma pedagogia da autonomia e do oprimido, intimamente relacionada com a visão do terceiro mundo e das consideradas classes oprimidas na tentativa de elucidá-las e conscientizá-las politicamente. As suas

maiores contribuições foram no campo da educação popular para a alfabetização e a conscientização política de jovens e adultos. No entanto, Paulo Freire não se limita a esses campos, tendo eventualmente alcance amplo, pelos menos para a tradição da educação que incorpora o conceito básico de que não existe educação neutra, pois segundo a visão de Freire, todo ato de educação é uma ação política.

Segundo Paulo Freire não é possível ao sujeito ético viver sem estar permanentemente exposto à transgressão de si mesmo e sem reconhecer que não somos seres determinados, mas, somos condicionados, capazes de interagir com a realidade e de lutar por um futuro digno e igualitário entre todos os seres. Assim, “a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”. (FREIRE, 2019, p. 11). A educação, assim, para Paulo Freire apresenta-se hegelianamente mediante a superação da consciência, pois para Hegel o oprimido está submetido a verdade do opressor e este, por sua vez, mantém o oprimido aprisionado em suas correntes.

Na realidade em que nos encontramos, de uma sociedade injusta e desigual, a formação humana torna-se o principal instrumento de mudança na luta por uma sociedade mais igual. Mas essa formação exige do educador fundamentos que são fundamentais no processo educativo, entre esses fundamentos temos o bom senso; uma importante avaliação na prática que realizo; a humildade, a tolerância e a luta; um tripé essencial na consolidação da igualdade. Podemos citar ainda a apreensão da realidade, a alegria e a esperança, fruto das nossas utopias, a curiosidade e a convicção de que a mudança é possível, fatores indispensáveis para o processo de mudança. Contudo, a importância da participação conjunta entre educador e educando é a base central para uma formação sólida, efetiva e emancipadora do homem. Todo processo de humanização, é um processo de empoderamento do espírito que encontra em si mesmo a força motriz para superar as próprias limitações, ou as limitações impostas pelo mundo exterior.

Diz Freire:

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para sua “promoção”. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção. (2019, p. 56)

Hegel, em sua obra “Doutrina da Essência”, deixa claro a compreensão de mundo e de espírito que por meio da superação de si, chega à liberdade do próprio espírito, a isso, chama Hegel de fundamento. Uma educação para a consciência de si, estabelece como meio de fundamento o olhar atento para dentro de si. A educação só é humanitária e emancipadora se, atenta as circunstâncias que envolve o espírito encontra em si mesmo os elementos necessários para sua superação, isso porque, para Hegel a “essência determina a si mesma como fundamento”. (2017, p. 91). Hegel não fundamenta uma educação individual, mas sim uma educação autônoma, livre dos vícios e equívocos do mundo exterior, que estabelece parâmetros iguais para espíritos distintos. A educação, assim, é um movimento dentro de si que se dirige para fora por meio da razão, dos sentimentos, das condutas éticas e morais e das transformações culturais do homem.

Na Pedagogia da Autonomia, Freire apresenta essa formação educacional nos moldes da compreensão hegeliana. Para Freire a educação é um movimento da consciência em busca da verdade. Isso só é possível porque o homem em sua condição de inacabado busca se inserir em um movimento de significados para si e para o outro, estar no mundo, segundo Freire, necessariamente significa estar com o mundo e com os outros.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1996, p. 24)

Uma educação pautada para a consciência de si exige, necessariamente, a autonomia do ser educando. É uma travessia árdua, longa e silenciosa que perfaz um caminho de comunhão consigo e com o outro. Na educação para a autonomia “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2019, p. 95).

Assim, como para Freire, em Hegel a educação, também, é vista como uma passagem. É um movimento dialético entre quem sou, quem me torno, o que torno os outros e o que os outros tornam em mim. Não que Hegel tenha se debruçado em sistematização uma educação, muito menos uma pedagogia da educação. Mas, é que em Hegel a educação torna-se antropologia por meio da definição de homem como ser do mundo. Se esse homem cresce e educa-se no mundo, de forma dialética, consigo e com o outro, sua educação é uma educação política, tendo em vista que o fim último da formação hegeliana é a vida do mundo no Estado, consigo e com seus cidadãos.

Segundo Novelli:

O homem, em Hegel, é contínua passagem, contínuo vir-a-ser sempre filho de seu tempo, do que o precedeu e do que está por vir enquanto resultado de sua própria atividade. Certamente é dessa concepção de homem que se deve erguer toda uma proposta pedagógica que tão somente viabilize esse homem. Provavelmente por isso não se encontra em Hegel a referida questão. (2001, p. 75)

É a partir desse vir-a-ser, dessa inconclusão do ser que se funda a educação como processo permanente. Alicerçada em uma prática libertadora ou emancipadora, Tanto Hegel, quanto Freire se preocupam com o que está por vir da educação, com sua essência e a prática com que tem sido trabalhada. Assim, a educação passa a ser um processo de suprassunção do já vivido, do que já é, e passa a ser um percurso permanente de busca do ser para a autonomia.

Dentro deste aspecto de educação, entendemos que ela se movimento na dimensão existencial do homem, ou seja, no seu modo de estar e ser no mundo. Na medida em que se estabelece um aporte de educação para o homem, compromete-se com uma pedagogia em que sua finalidade seja o sujeito e sua universalidade. É nessa perspectiva que foi trabalhado o processo de intervenção aqui proposto.

O objetivo principal dessa dissertação é analisar a compreensão do termo Bildung e a forma como Hegel propõe o ensino da filosofia nas escolas e sua noção de educação. Para Hegel, aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, por um processo mediado no qual a figura do mestre é a de figura central, sendo necessária, assim, a passagem do indivíduo pelo processo formativo. Contudo, esse processo formativo se daria por etapas no qual o indivíduo passaria por fases determinadas, entendidas por Hegel já como uma introdução ao pensamento filosófico, para então adentra ao estudo da filosofia.

Contudo, o caminho que percorremos, além do diálogo com Hegel, sua compreensão de formação para Bildung e as contribuições de seu sistema filosófico para a contemporaneidade, foi a sustentação da pedagogia freiriana como suporte teórico-filosófico para uma análise mais humana e dialógica. A partir desse olhar propormos trabalhar o ensino de filosofia de forma mais dinâmica, seguindo o caminho hegeliano para a compreensão dos alunos em relação ao estudo da filosofia dentro e fora da escola.

Diante do que foi proposto, os objetivos gerais dessa intervenção foram: Analisar elementos que contribuam na construção de uma educação voltada a formação humana por meio do saber a si mesmo, a partir da experiência de si consigo mesmo, a qual é, ao mesmo tempo, uma formação do educador e do educando; contribuir para o desenvolvimento de uma formação do indivíduo como autoconsciente, que caminha em busca do processo de efetividade de sua liberdade; e destacar a importância do ensino de filosofia e as contribuições dos escritos pedagógicos de Hegel para a formação de uma educação humana e libertaria.

Por ser uma pesquisa de método hipotético-dedutivo, foi necessário realizações de visitas a escolas que tenham o ensino de filosofia no seu currículo escolar dos anos finais do ensino fundamental (7º, 8º e 9º ANOS), com a finalidade de desenvolver pesquisa de campo, tendo como objetivo analisar a compreensão da realidade e a criticidade de seus alunos, visando comparar por meio de relatos dos alunos as transformações comportamentais e as compreensões e conscientização do ensino de filosofia para uma melhor formação de ser humano autoconsciente, autônomo e livre.

5.2 Aplicação Metodológica

A metodologia aplicada nessa intervenção foi desenvolvida junto ao Colégio Santa Joana D'Arc, na cidade de Garanhuns, Pernambuco, com os Anos Finais do Ensino Fundamental, com as turmas dos 7º, 8º e 9º Anos, no turno da manhã, na disciplina de Filosofia.

O parâmetro utilizado para o desenvolvimento da intervenção foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é a normativa que define o progresso das

aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver na vivência das modalidades e etapas da educação básica, em conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996). “Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento” (BNCC, 2018, p. 10). Dentre essas 10 competências gerais destacamos 3 para compor nosso processo de intervenção que foram: Conhecimento. Argumentação. Responsabilidade e Cidadania.

Ao definir essas competências buscamos afunilar nosso campo de pesquisa tendo como norte a construção teórica de nossa pesquisa e os valores pelos quais destacamos como base para a temática proposta trabalhada. No entanto, sabemos da importância das outras competências que aqui não foram abordadas de maneiras mais aprofundada. Assim, como na BNCC, as 3 competências gerais escolhidas reconhecem que “a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza”. (BNCC, 2018, p. 8). Mesmo tendo como base os parâmetros gerais, no ensino fundamental eles devem estar articulados com as áreas de conhecimento e com os componentes curriculares, nesse caso não existe na BNCC atual uma explicitação em relação a filosofia, mas por analogia se aplica os parâmetros das ciências humanas, que tem como habilidades em nossa intervenção também trabalhadas, compreender, analisar, identificar, interpretar, comparar, construir, entre outras.

É importante destacar que o início da intervenção se deu no modo presencial, mas com o passar do tempo e com a pandemia do Covid-19, foi necessário passar para as atividades remotas. Nesse período os encontros ocorreram de forma on-line, por meio do aplicativo Zoom, onde tivemos a oportunidade de avaliar mais uma realidade do processo formativo dos nossos alunos.

Para uma compreensão mais detalhada da nossa intervenção é necessário destacar alguns indicativos que foram pensados e organizados de acordo com a metodologia proposta e com a ação de desenvolvimento e organização dos achados

em nossos encontros. Ao todo foram necessários três encontros, cada um com uma intervenção e objetivos definidos.

No primeiro encontro de apresentação foi analisado a maturidade das turmas e seus desenvolvimentos no processo formativo nas aulas de filosofia. Seu contato e engajamento com a filosofia e suas perspectivas quanto ao estudo da filosofia nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Foi ministrada uma apresentação sobre a vida e as obras de Hegel e suas possíveis contribuições sobre educação para a felicidade. Esse momento foi caracterizado como uma troca de saberes, onde no final os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas conclusões, descobertas e compreensões do mundo que os cercam.

O segundo encontro foi pautado levando em consideração a maturidade das turmas e as perspectivas propostas no primeiro encontro. Assim, foi possível destacar o senso crítico e a postura e compreensão de autonomia e liberdade entre os alunos participantes. Nesse encontro cada turma participou de uma intervenção com tema e metodologia determinada. O 7º Ano trabalhou a temática da **Felicidade**, com análise e interpretação da poesia “Felicidade” da banda “O Teatro Mágico”. Após uma roda de conversa e bate-papo sobre o tema proposto, foi desenvolvida uma dissertação sobre felicidade e os conceitos filosóficos trabalhados na intervenção. Por se tratar de um momento de interação na modalidade remota, as dissertações foram expostas em forma de debate entre os alunos.

O 8º Ano, teve a oportunidade de trabalhar sobre a temática **Liberdade**, com análise, leitura e interpretação de obras de arte. As obras escolhidas foram “Liberdade” de Denise Schlickmann, “As perguntas da vida” de Pablo Picasso e “A Liberdade Guiando o Povo” de Eugène Delacroix. Após uma roda de conversa e de bate-papo entre os alunos sobre o tema proposto, foi desenvolvida uma dissertação sobre liberdade e os conceitos filosóficos trabalhados na intervenção. Por se tratar de um momento de interação na modalidade remota, as dissertações foram expostas em forma de debate entre os alunos.

A turma do 9º Ano trabalhou a temática sobre **A Vida**, com análise e interpretação de texto extraído da obra “Escritos Pedagógicos” de Hegel. Após uma roda de conversa e de bate-papo entre os alunos sobre o tema proposto, foi desenvolvida uma dissertação sobre a vida e os conceitos filosóficos trabalhados na

intervenção. Por se tratar de um momento de interação na modalidade remota, as dissertações foram expostas em forma de debate entre os alunos.

1º Encontro - (Horizonte da Compreensão e Síntese da Intervenção)

Aula primeira

Tema: Conhecendo a filosofia pelas lentes do filósofo.

Tempo de aula: 50 minutos

Conteúdo:

Abordar de modo expositivo “Vida e Obra” de Hegel, os conceitos a serem trabalhados na intervenção (Felicidade, Liberdade e A Vida), formalizando uma apresentação da turma e do interventor, bem como uma construção coletiva sobre o conceito de Filosofia.

Objetivo:

Analisar elementos que contribuam na construção de uma educação voltada a formação humana por meio do saber a si mesmo, a partir da experiência de si consigo mesmo, a qual é, ao mesmo tempo, uma formação do educador e do educando.

Desenvolvimento:

De maneira prática, no primeiro encontro foi realizado uma exposição sobre a vida de Hegel, os conceitos a serem trabalhados na intervenção (Felicidade, Liberdade e A Vida), realizando uma dinâmica de socialização e conhecimento dos alunos e a sistematização coletiva sobre o que cada aluno reconhecia como filosofia.

Nesse encontro podemos mostrar a relação entre a filosofia e o mundo que nos rodeia, a sua presença nas mais diversas áreas e temas da realidade atual, a vida, as obras, as contribuições de um filósofo e a sua preocupação com a organização social e a educação de sua época.

Por fim, o encontro foi marcado por provocações filosóficas e críticas quanto ao modo de vida na atualidade, a condição de formação dos alunos e a realidade em que vivem. Em seguida, o encontro foi finalizado com uma roda de conversa onde abrimos para o diálogo e fala dos alunos, provocando os alunos por meio da pergunta: O que é Filosofia? Assim foi possível observar a postura filosófica dos alunos e relatar por meio de suas falas da importância da educação na vida do ser humano.

Avaliação:

A proposta para esse primeiro encontro foi por meio da avaliação diagnóstica que buscou diagnosticar um panorama geral do nível da turma, seus pré-conhecimentos sobre a temática proposta e teve como finalidade avaliar ao final da intervenção a evolução do aprendizado do aluno. Assim, esse momento foi realizado baseado na participação e interação dos alunos na atividade, observando como os educandos foram capazes de promover a reflexão e o senso crítico mediante as temáticas abordadas, ou seja, a avaliação ocorreu por meio da finalidade de promover entre os alunos uma reflexão filosófica por meio do conhecimento prévio que os congregam e dos achados proposto em nossa intervenção.

Recursos Didáticos:

Foi utilizado em nosso primeiro encontro computador, celular, aplicativos de interação on-line, uso de data show, imagens, vídeos, pesquisa em site, caixa de som, música, cartolina.

2º Encontro - (Aplicando a análise e interpretação proposta na intervenção)**Aula segunda****Tema:**

7º Ano: **Felicidade**⁹

8º Ano: **Liberdade**¹⁰

9º Ano: **A Vida**.¹¹

Tempo de aula: 50 minutos

Conteúdo:

Trabalhar as temáticas propostas em cada turma (Felicidade, Liberdade, A Vida), estabelecendo contrapontos com poesia, obras de arte e texto filosófico, propondo uma reflexão acerca da educação, sua compreensão e contribuição no processo de formação do ser humano.

Objetivo:

Contribuir para o desenvolvimento de uma formação do indivíduo como autoconsciente, que caminha em busca do processo de efetividade de sua Felicidade, Liberdade e Vida; e destacar a importância do ensino de filosofia e as

⁹ Atividade proposta para esse encontro em anexo.

¹⁰ Atividade proposta para esse encontro em anexo.

¹¹ Atividade proposta para esse encontro em anexo.

contribuições dos escritos pedagógicos de Hegel para a formação de uma educação humana e libertaria.

Desenvolvimento:

O segundo encontro foi marcado pela realização de forma remota por conta da suspensão das aulas presenciais, tendo em vista o cuidado e a proteção de alunos e professores por conta de elevada quantidade de casos ocorridos por conta da Covid 19. Mesmo assim, através do aplicativo Zoom foi realizada uma descontraída roda de conversar virtual, onde podemos fazer a dinâmica de perguntas e respostas com os alunos.

Para cada turma utilizamos uma temática diferente visando atingir a realidade e maturidade de cada aluno. Nos 7º anos trabalhamos por meio da poesia e sua ligação com a filosofia. Destacamos a importância da poesia no contexto social e das realidades em muitos casos por ela retratada. Provocamos sobre a postura do poeta em meio aos problemas atuais e se é possível o poeta ser filósofo? Após declamação, interpretação e intervenção entre alunos e interventor passamos para uma sistematização das compreensões formadas por meio de dissertação, estigando o senso crítico e filosófico dos alunos. Por meio das produções de textos realizadas pudemos compreender a importância tanto da temática quanto dos conceitos abordados no encontro.

Nos 8º anos trabalhamos com a análise e interpretação de obras de arte e as possíveis percepções em que o artista expressa sua imaginação e busca elencar para seu observador as visões de mundo presente no seu cotidiano. Após a análise e interpretação das obras de artes entre alunos e interventor passamos para uma sistematização das compreensões formadas por meio de dissertação, estigando o senso crítico e filosófico dos alunos. Por meio das produções de textos realizadas pudemos compreender a importância tanto da temática quanto dos conceitos abordados no encontro.

Da mesma forma seguimos o encontro com o 9º ano, com a temática sobre “A Vida”. Nesse encontro foi realizado a análise e interpretação do texto extraído da obra “Escritos Pedagógicos” de Hegel, em uma passagem onde o filósofo retrata sua compreensão de vida. Após a análise e interpretação do texto e do debate entre alunos e interventor passamos para uma sistematização das compreensões formadas por meio de dissertação, estigando o senso crítico e filosófico dos alunos.

Por meio das produções de textos realizadas pudemos compreender a importância tanto da temática quanto dos conceitos abordados no encontro. É importante ressaltar que os textos foram lidos e debatidos em sala virtual, no entanto a dinâmica da intervenção foi bem sucedida e a análise dos textos foram feitas de forma virtual.

Avaliação:

A proposta para esse segundo encontro seguiu a mesma didática do primeiro encontro, por meio da avaliação diagnóstica, realizada através de uma produção textual e teve como finalidade identificar a evolução e compreensão da temática proposta. Assim, esse momento foi realizado baseado na participação e interação dos alunos na atividade, observando como os educandos foram capazes de promover a reflexão e o senso crítico. Assim como no primeiro encontro a avaliação ocorreu teve como finalidade promover entre os alunos uma reflexão filosófica por meio do conhecimento prévio que os congregam e dos achados proposto em nossa intervenção.

Recursos Didáticos:

Foi utilizado em nosso segundo encontro computador, celular, aplicativos de interação on-line como o Zoom, uso de data show, imagens, recorte de texto filosófico, vídeos, caixa de som, música.

3º Encontro - (Conclusão e repercussão da intervenção)**Aula terceira**

Tema: Educação para quê?

Tempo de aula: 50 minutos

Conteúdo:

Realizar um momento interativo de forma descontraída, proporcionando aos alunos uma análise e avaliação da intervenção proposta, bem como sua contribuição para a compreensão sobre a educação tendo em vista o olhar, as diferenças e as formações educacionais de cada aluno.

Objetivo:

Oportunizar diálogos filosóficos com os alunos sobre as aulas, quais foram suas percepções sobre os conteúdos trabalhados acerca da educação, percebendo situações inusitadas nas falas dos alunos que possam servir de material para a

conclusão do trabalho e avaliando quais são os achados e as ressignificações de conceitos de cada aluno.

Desenvolvimento:

O terceiro encontro teve como objetivo propiciar um momento descontraído entre os alunos que participaram do processo de intervenção. Nesse momento a ideia foi juntar as três turmas participantes e entre eles foram elaboradas perguntas das quais eles gostariam que os colegas respondessem. A questão central dos diálogos era sobre a pergunta “Educação para quê?”. O encontro foi realizado de forma remota por meio do aplicativo Zoom.

De início começamos a intervenção com a música “Caçador de Mim” do cantor e compositor Milton Nascimento, objetivando provocar nos alunos a reflexão sobre a condição humana em meio ao contexto em que estão inseridos. Logo após lançamos o desafio para que os alunos se expressassem e relatassem qual foi a experiência em que vivenciaram nesses três encontros e qual perguntar ele elaborou e para qual aluno faria a provocação proposta.

O encontro ocorreu de forma harmoniosa e bem humorada, onde os alunos se sentiram bem à vontade, participando e interagindo, mostrando suas concepções de mundo e as perspectivas sobre a educação para seu futuro e dos demais colegas. Alguns alunos se mostraram de forma tímida, mas suas participações foram de grande valor para a compreensão da maneira em que encaramos o processo formativo com as mais variadas personalidades existentes em sala de aula.

Por fim, encerramos a nossa intervenção agradecendo a participação dos alunos e mostrando a importância do pensar a educação, analisando suas contribuições e buscando alcançar sempre os melhores resultados no processo formativo de todo e qualquer ser humano.

Avaliação:

Nesse terceiro e último momento utilizamos a avaliação comparativa realizada baseada na participação e interação dos alunos na atividade proposta, observando como os educandos foram capazes de promover a reflexão e o senso crítico mediante as temáticas abordadas, ou seja, a avaliação ocorreu tendo como finalidade comparar o aprendizado que o aluno tinha antes da intervenção com o aprendizado que o aluno veio a ter depois da intervenção. Por meio dessa finalidade buscamos instigar o aluno a apresentar o domínio dos conteúdos trabalhados e

promover uma reflexão filosófica por meio do conhecimento que os congregam e dos achados proposto em nossa intervenção.

Recursos Didáticos:

Foi utilizado em nosso segundo encontro computador, celular, aplicativos de interação on-line como o Zoom, imagens, recorte de texto filosófico, vídeos, caixa de som, música.

5.3 Avaliando a Intervenção

A educação é um processo no qual sua prática é uma atividade natural para todos os homens. Vimos durante as páginas acima que a educação é um processo contínuo, que todo ser humano é um ser para a educação e que toda formação humana é uma ação do próprio espírito para consigo e para com os outros.

Propor uma avaliação para nossa intervenção não é tarefa simples, no entanto, é possível descrever e visualizar a importância da atitude e da apropriação do saber para uma compreensão da educação no processo de formação humana. A proposta da intervenção, em contexto geral, foi analisar a situação e a questão da educação na sociedade atual. Nesse sentido, perfazendo todo o caminho da proposta de investigação tivemos a reflexão filosófica, onde destacamos a compreensão hegeliana na formação humana, bem como um pensamento norteador para nosso estudo.

Podemos dizer que toda intervenção foi bem recebida pelos alunos participantes e desenvolvida sem problemas. Todos os alunos foram receptivos com nossa intervenção e participativos, tendo o engajamento como elemento central do qual podemos destacar. Podemos enfatizar aqui a atenção e vínculo de pertencimento dos alunos com as atividades propostas e a recepção as temáticas abordadas.

É importante ressaltar que mesmo sendo alunos que tem a disciplina de filosofia em sua grade curricular, puderam perceber e destacar que a filosofia está além do conteúdo propostos nos livros didáticos e que a filosofia é uma atitude presente e real no meio em que vivemos, interagindo nos mais diversos temas e assuntos em que estamos inseridos cotidianamente.

Outro ponto importante é a didática empegada nas aulas de filosofia e a importância do professor de filosofia no ensino da filosofia. Diferentemente do

habitual, onde professores de outras disciplinas preenchem sua carga horária com a disciplina de filosofia e não se preocupam com a didática trabalhada, nem muito menos com um planejamento mais criativo, o professor graduado em filosofia expressa e dialoga com uma problemática e ensinabilidade em que a filosofia passa a ser o elemento central e norteador da própria aula. Isso porque o percurso em que o professor de filosofia está inserido é próprio da atitude filosófica. Diz o professor Newton Zuben que “o ensino de filosofia distingue-se de qualquer outro tipo de ensino, pois é um ensino filosófico. Exige da parte do professor a consciência da atitude filosófica”. (1992, p. 8). Assim, o ensino da filosofia deve perpassar o simples ensino das doutrinas, teorias ou sistemas filosóficos e ter como objetivo de sua ensinabilidade a atitude filosófica. Podemos até concluir que toda educação é uma atitude filosófica.

A relação entre filosofia e educação é sempre uma ação problemática. Entre filosofia e educação não basta delimitar limites entre uma e outra. Filosofia e educação são pilares para todo e qualquer processo formativo, seja o processo formal ou informal. O próprio filosofar indica as possibilidades e as condições de apropriação da educação. Assim, mediante o processo que adotamos percebemos que o engajamento nas temáticas propostas e a forma como conduzimos a intervenção teve um papel determinante para a compreensão do ato filosófica e a importância da educação na vida de cada aluno.

Foi a partir da delimitação metodológica, proposta acima, que chegamos a esse momento de avaliação. Vimos que nossa intervenção foi dividida em três encontros importantes para esse processo de conclusão. No primeiro momento, onde intitulamos de **(Horizonte da Compreensão e Síntese da Intervenção)**, fizemos uma contextualização do tema proposto, apresentando uma forma de pensar com a escolha de um filósofo específico, mas deixando em aberta a introdução de pré-conhecimentos ou de outros filósofos que os alunos considerassem importante para nossa intervenção.

Nesse primeiro momento avaliamos o contato tímido e mais formal dos alunos e a observação de cada um em relação a nossa presença, bem como da didática escolhida para o primeiro encontro. Aos poucos foram surgindo os questionamentos e os contrapontos com as visões de mundo e as experiências de vida de cada aluno. O engajamento nas discussões foi estabelecido de forma natural e o momento

proposto teve seu objetivo concluído com o interesse e participação dos alunos em sistematizar o conceito de filosofia, processo esse de uma atitude filosófica coletiva e formal. Como criado pelos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais: **“A filosofia é a ação humana contra todo processo de desigualdade em vista da busca pelo saber”**. A conclusão em que a turma chegou deixa perceber que o meio em que vivem é um problema social que necessita da compreensão da atitude do filosofar para provocar uma mudança na realidade em que estão inseridos.

Mais do que tudo, observamos que a educação é o meio pelo qual esses alunos têm para transgredir a realidade em que vivem, pois, todo processo educativo é uma forma de transgressão, seja ele pessoal ou coletivo. Segundo Aspis “o justo é educar para oferecer condições para o educando conquistar pensamento autônomo. O pensamento que conhece suas razões, que escolhe seus critérios, que é responsável, consciente de seus procedimentos e consequências e aberto a se corrigir”. (2014, p. 309). Por isto, avaliamos nosso primeiro momento de forma positiva, estabelecendo a educação como uma ferramenta de libertação e de uma consciência humana para a autonomia.

O Segundo encontro (***Aplicando a análise e interpretação proposta na intervenção***), foi um momento diferenciado, tendo em vista a realidade em qual nos encontrávamos da pandemia onde as aulas foram suspensas e só depois, tivemos a volta na modalidade remota. Assim, foi preciso nos reinventar e nossa aplicação se deu de forma on-line. Contudo, a realidade da covid19 trouxe grandes questionamentos em virtude da proposta que tínhamos elaborado para esse segundo encontro. A própria temática abordada em cada turma nos mostrava o valor de repensar a educação e o processo formativo no qual estamos inseridos. Foi preciso, inicialmente, como diz Matos (2015, p. 374) “colocar a filosofia no debate do repensamento da escola dentro do seu próprio espaço institucional”. Aqui, claro, o espaço passou a ser a casa de cada aluno, mas as discussões e nossas rodas de conversas on-line deram o resultado esperado.

A proposta nesse encontro foi o confronto entre os conhecimentos pré-estabelecidos como verdadeiros e as novas formas de ver o mundo, a partir de outras visões de mundo. Assim, podemos perceber que a interação e a forma com que os alunos encararam as temáticas propostas que estavam bem mais acessíveis do que se eles tivessem estudado unicamente as doutrinas e sistemas filosóficos.

Podemos concluir que a participação e interação entre alunos foram satisfatórias e que a postura dos alunos em reconhecer na sua realidade os problemas sociais que são coletivos trás para si a necessidade de uma atitude filosófica mais engajada. Como afirma Matos (2015, p. 379) “a atitude filosófica começa, entretanto, quando duvidamos de nossas certezas, os defrontamos com o problemático; ou seja, quando nos apercebemos de que há mais complexidade e inconclusão naquilo que está dado do que o quanto sua manifestação fenomênica nos dá a conhecer”. Nesse sentido, podemos pensar na experiência do vir-a-ser, no alcance do espírito absoluto que busca por meio de sua educação o encontro da própria essência, para Hegel chamado de Bildung.

Interessante destacar desse segundo encontro a fala de um dos alunos do 9º ano que diz: **“A compreensão da vida é uma coisa muito complexa, pois cada um tem seu ponto de vista e cada um tem seus próprios julgamentos, e a educação ajuda justamente nisso. Através da educação podemos ter uma base para formamos nossas opiniões e nossos pensamentos”**. Como diz Paulo Freire (2019, p. 102) “a educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária”. Todo processo de construção humana é um ato revolucionário, até mesmo a ressignificação do pensamento, as mudanças de atitudes e toda visão limitada do mundo é, no homem, uma mudança revolucionária.

Assim, podemos concluir que nosso segundo encontro foi muito positivo. Alcançamos os resultados esperados, mesmo meio as adversidades que surgiram em decorrência da pandemia do Covid19. Mais uma vez, a proposta elaborada foi significativa e nossa intervenção teve o resultado esperado.

O terceiro e último encontro (**Conclusão e repercussão da intervenção**), foi um momento de descontração onde os alunos tiveram a oportunidade de interagir entre si, formulando seus próprios questionamentos e suas próprias perguntas tendo como mediação a seguinte pergunta: Educação para quê? Nesse encontro os alunos fizeram sua própria avaliação da nossa proposta de intervenção e pontuaram contribuições significativas das quais foram provocados. Essa postura em que colocamos o aluno tem como objetivo a reflexão do aluno sobre os conhecimentos em que podemos construir, bem como, sua autocrítica em relação ao que lhes foi proposto. É uma atitude onde o discente celebra com o docente uma etapa

avaliativa da própria forma de ensino-aprendizagem e do que se ensina e para o quê se ensina? Diz Matos e Medeiros:

Paulo Freire pensa a relação do ensino, independentemente da disciplina em uma relação “do discente” em que os discentes devem se apropriar dos conteúdos, e não apenas recebe-los sem nenhuma reflexão sobre o que se é transmitido. Essa atitude filosófica, crítica e indagadora pode e deve ser muito explorada pela filosofia, uma vez que essa atitude inquiridora está incluída na própria definição etimológica dessa disciplina, em que se busca a sofia, pois ainda não a possui de forma efetiva, assumindo dessa forma um compromisso com o conhecimento partindo do pressuposto que é preciso um esforço indagador para alcançá-lo uma vez que reconhecemos a nossa ignorância. (2015, p. 132)

Interessante perceber como a filosofia e a educação caminham juntas e ambas, em uma intervenção, protagonizam em um processo de avaliação educativa. Para Paulo Freire a educação já é uma intervenção no mundo. Intervenção essa que implica a ruptura de ideologias, a quebra de paradigmas existentes sem a autocritica e o próprio desmascaramento do ser que passa pela educação. Diz Freire:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (1996, p. 38)

A partir dessa reflexão destacamos a avaliação positiva feita pelos alunos das séries visitadas, da validade da nossa intervenção, contribuindo para uma compreensão de educação mais humana, libertária e autônoma e uma sincronicidade entre educação, filosofia e processo formativo.

Até aqui analisamos a nossa intervenção e cientificamos que o processo educativo é de fato um caminho para a Bildung, ou seja, o caminho formativo se encontra na estrada apontada por Hegel para uma elevação do espírito e para uma transformação social do Estado em qual estamos inseridos.

Vale ressaltar que tivemos muitos desafios nesse processo. As dificuldades também foram existentes e até se chegar aos achados e conclusões de nossa intervenção muitas questões precisaram ser superadas. Podemos apontar que a principal dificuldade foi a pandemia do Covid19. Era justamente o início da nossa

intervenção e logo precisamos suspender, pois as aulas foram suspensas. Depois, quando tivemos a retomada das aulas, foi preciso rever a intervenção e fazer de modo remoto. Foi preciso se reinventar para poder chegar aos resultados almejados. No entanto, podemos destacar, também, que essa dificuldade foi uma oportunidade para que alunos e professores refletissem sobre suas práticas e formas de educar.

Um outro fator importante visto aqui como uma dificuldade foi a distância. Não que isso tenha impedido o processo que havíamos planejado, mas que a presença humana é sem dúvida uma das formas mais eficazes para a formação humana. O outro que me interpela, a presença real do ser frente a um outro ser, diferente da minha forma de pensar, ser e agir. Podemos concluir que nossa intervenção teria achados diferentes se não fosse as circunstâncias na qual vivenciamos em nosso entorno. O fator preponderante para essas dificuldades foi a inesperada pandemia, contudo, mesmo diante desses desafios foi possível uma análise, reflexão, sistematização e contribuição para o processo formativo do educando.

Por fim, podemos destacar, de modo geral que a nossa intervenção alcançou uma satisfatória conclusão, tendo contribuído para a prática educativa não só dos alunos participantes, bem como, para seus professores que foram observadores das análises, rodas de conversas, discursões, e sugestões da turma e, também, para a escola que abriu as portas de seu espaço e nos proporcionou experiência ímpar em nosso processo formativo e de caminho para uma vida mais livre e autônoma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo justifica-se pela observação do processo educativo contemporâneo e as contribuições do pensamento hegeliano para uma formação autônoma e livre.

A educação traz em seu processo formativo grandes desafios que precisam ser analisados com um olhar voltado as realidades existentes e para as possibilidades de transformação e inclusão do educador e do educando. É preciso apresentar a necessidade de objetivos educacionais que se pode contribuir junto com o ensino de filosofia e estabelecer possíveis fins filosóficos e as formas de alcançar determinados fins, para que seja possível uma contribuição à formação educacional.

Sabe-se das grandes necessidades sociais que atravessa o Brasil. Faltam políticas públicas sérias, comprometidas com a sociedade. O estudo é desfavorecido e desvalorizado, a educação em muitos casos é precária, a saúde e a segurança pública sofre com as atrocidades sociais e, além disso, há uma grande falta de sensibilidade por parte do Estado nas garantias essenciais para uma mudança da sociedade.

Outro importante ponto da atualidade em relação aos problemas sociais enfrentados pela educação é a monopolização e privatização da educação. Há uma grande necessidade de melhorias da escola pública, muitas vezes provocada pelo próprio Estado visando implementar uma ideia de Estado mínimo, oriunda da participação de grandes corporações privadas que visam dominar os aparelhos sociais de formação e educação humana.

Hegel na condição de diretor de escola, sentia-se no dever de ressaltar a necessidade de uma melhoria da educação oferecida pelo Estado por meio do reforço de seu caráter público. Por meio dessa compreensão hegeliana, podemos afirmar o dever do Estado em proporcionar uma educação de qualidade para as crianças, bem como, garantir acesso universal, indivisível e integral para todos os cidadãos.

A Escola é lugar social, assim como o próprio processo de formação cultural. É na vida pública e para vida pública que o Estado deve oferecer uma educação de qualidade, comprometida com a vida, com a ética e com todo conjunto de

organização e formação humana. Abandonar a escola ao arbítrio da iniciativa privada é aniquilar a participação democrática de toda uma sociedade. A educação do Estado é inalienável, pois configura a identidade de um povo, do seu povo, por isso nenhum poder não estatal pode reivindicar seu domínio. Antes de mais nada o ensino público deve ter uma razão libertadora, enraizada na liberdade espiritual e sua raiz deve ser profundamente social. Só assim a escola, como educação geral, configurasse-a como instrumento essencial de superação das desigualdades sociais existentes.

Nesse contexto, tornar-se muito presente e atual o pensamento hegeliano de proposta de uma educação para a vida no Estado. A educação para a Bildung, ainda que pensada no século passado, é para Hegel um caminho para a mudança que a educação precisa para uma efetivação na realidade social. Faz-se necessário compreender que o contato e a experiência no processo educativo têm como finalidade dar ao aluno a possibilidade de julgar a realidade por meio da reflexão filosófica, e assim, é possível uma educação autoconsciente, emancipatória e livre.

A Bildung entendida como um processo aberto e em movimento constante, contribui para à realidade contemporânea. Ainda que Hegel não tenha proposto uma pedagogia da educação, é por meio da Bildung que o processo formativo hegeliano compreende o homem em suas múltiplas possibilidades e, assim, propõe uma formação voltada para a superação de si e para a vida em coletividade, vida que se realiza dentro do Estado. Assim, para Hegel a Bildung é uma condição necessária para que o homem alcance autonomia, tenha coragem de agir segundo sua própria razão e conquiste a verdadeira superação de si mesmo.

Nos dias atuais é de extreme necessidade se pensar uma educação visando o educando como mediador de si. É preciso pensar a formação humana visando estabelecer um convite ao educando, para que, mediante o uso da razão de si, torne-se um ser humano autêntico, capaz de distinguir de forma originaria e pessoal o que é bom, justo e moral, e assim, agir enquanto dotado de razão e vontade, vindo a ser senhor de si e de suas próprias ações, de modo a estabelecer um estado de liberdade e consciência de si.

Escola, Estado e Sociedade são bases sólidas para uma formação do homem. É necessária uma organização conjunta entre essas instituições, visando o mesmo objetivo e caminhando para uma superação dos problemas atuais da educação. Por

mais que se proponha uma sistematização de educação, só se alcança resultados positivos se as próprias instituições estiverem engajadas em resultados positivos.

Não se pode esquecer que a cultura da ética, a socialização, capacitação e instrução do homem são balizados para um processo educacional. Todo ato de educar deve em primeiro momento ser compreendido como um ponto chave de partida para a Bildung. Isso porque a Bildung hegeliana é a busca da objetividade do espírito, ou seja, a compreensão do homem de si mesmo e do meio em que esse está posto.

Pode-se concluir que as contribuições hegelianas para a educação contemporânea estão vivas e faz todo sentido pensá-las e aplicá-las no processo formativo. Claro que todo tempo histórico tem seus problemas e avanços e a proposta da Bildung em Hegel também deve seguir a realidade atual, com seus desafios e possibilidades. O pensamento de Hegel sugere, assim, uma pedagogia contemporânea, atenta as demandas atuais e voltada para a contribuição escolar do ser humano.

Por fim, é necessário para que se alcance resultados mais profundos a colaboração das instituições basilares da sociedade. Família, Estado, escola, políticas públicas sérias, engajamento pedagógico dos educadores, presença constante e aberta dos educandos. Só assim, as contribuições para uma educação ética, livre e autônoma serão o diferencial na construção de uma vida mais digna e humana.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. O Professor de Filosofia: O Ensino de Filosofia no Ensino Médio Como Experiência Filosófica. In Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 04 de set. de 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. BRASÍLIA, 2018. DISPONÍVEL EM:

HTTP://BASENACIONALCOMUM.MEC.GOV.BR/IMAGES/BNCC_EI_EF_110518_VERSAOFINAL_SITE.PDF. ACESSO EM: 20 DE DEZ. DE 2020.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

_____. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

BOURGEOIS, B. **Da escola: cidade e sociedade.** BOURGEOIS, B. **Hegel: Os atos do espírito.** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004, p.99-114.

CÂMARA, Helder. **Um Olhar Sobre a Cidade.** São Paulo: Paulus, 1995.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MODERNA: BACON E DESCARTES.** UNIVESP, São Paulo. 2002. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/127/3/01d07t02.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

CERLETTI, ALEJANDRO A. **O Ensino de Filosofia como problema Filosófico.** Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

_____. **Repetición, Novedad y Sujeto en la Educación: un enfoque filosófico y político.** 1. ed. Buenos Aires: Editora Del Estante, 2008.

DELACROIX, Eugène. **A Liberdade Guiando o Povo.** 1830. Disponível em: https://www.google.com/search?q=%E2%80%9CA+Liberdade+Guiando+o+Povo%E2%80%9D+de+Eug%C3%A8ne+Delacroix.&tbm=isch&ved=2ahUKEwip0Zak3fDxAhW4ipUCHXHwCfAQ2cCegQIABAA&oeq=%E2%80%9CA+Liberdade+Guiando+o+Povo%E2%80%9D+de+Eug%C3%A8ne+Delacroix.&gs_lcp=CgNpbWcQAzIECAAQHjIGCAAQCBAeUJT9A1iU_QNg__8DaABwAHgAgAGOAYgBjgGSAQMwLjGYAQCgAQGqAQtn3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&sclient=img&ei=7UX2YOmmKLiv1sQP8eCngA8&bih=625&biw=1366&hl=pt-BR#imgsrc=2NLqIhQDYDRHcM. Acesso em: 20. jul. 2020.

FERNANDES, Ermelinda. **Discursos sobre Educação**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 67^o Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P.; FAGUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

GALLO, Silvio. Ensino de filosofia: Problemas e desafios. In GUIDO, Humberto. JUNIOR, José Bendito de Almeida. DANELON, Márcio. (Orgs.) **O Transversal e o conceitual no ensino de Filosofia**. Uberlândia. EDUFU, 2014.

GOERGEN, Pedro. Formação ontem e hoje. In: CENCI, A.C.; DALBOSCO, C.A., MÜHL, E.H. (org.). **Sobre filosofia e educação: racionalidade, diversidade e formação pedagógica**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HEGEL, G.W.F. **Sobre o Ensino de Filosofia**. Tradutor: Artur Morão. LusoSofia. 1989.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes. 1992.

_____. **Escritos Pedagógicos**. Tradução Arsenio Ginzó. México-Madrid-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1991.

_____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio Vol. III**. Tradução de Paulo Meneses e colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LORIEIR, Marcos Antônio. **A Filosofia como elemento formador do humano**. Coleção XVI Encontro ANPOF, p. 23-40, 2015.

MÁGICO, O. T. **Felicidade: A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7dS5BUok4c>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

MATOS, Junot Cornélio; MEDEIROS, Adamo Micael. **Reflexões e contribuições para a metodologia do ensino de filosofia na perspectiva da Pedagogia da Autonomia freiriana.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 24: maio-out/2015, p. 121-136.

MATOS, Junot Cornélio. **A formação pedagógica dos professores de filosofia.** Um debate, muitas vozes. São Paulo: Loyola, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6472>. Acesso em: 04 set. 2018.

_____. **Filosofando sobre o ensino de filosofia. In O que nos faz pensar. Cadernos do Departamento de Filosofia da PCU-RIO.** Março, 2015. Pp. 367 a 382. Disponível em: http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_36_19_junot_cornelio_matos.pdf. Acesso em: 04 set. 2018.

MENESES, Paulo. **Abordagens Hegelianas.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

MORAES, Alfredo de O. **A Metafísica do Conceito: sobre o problema do conhecimento de Deus na Enciclopédia das ciências filosóficas de Hegel.** Porto Alegre: EDIPURCS, 2003.

MOURA, Rosana Silva de. **Breve Estudo de uma Perspectiva de Educação Medieval.** Revista Esboços, Florianópolis, v. 20, n. 30, p. 141-159, dez. 2013. Disponível em: <https://webtecagrafia.paginas.ufsc.br/files/2014/11/MOURA-R.-Breve-Estudo-de-uma-Perspectiva-de-educa%C3%A7%C3%A3o-medieval.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

NASCIMENTO, M. **Caçador de Mim: Caçador de Mim.** Brasil: 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Se9XYKHQI3Y>. Acesso em 20 jul. 2020.

NETO, Armindo Quillici. **Hegel e os Escritos Sobre a Educação.** Argumentos Pró-Educação, Pouso Alegre, v. 1, nº 1, p. 3 – 18, jan. – abr., 2016

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. **O conceito de Bilgung em Hegel.** Sobral: Sertãoocult; Edições UVA, 2019.

_____. **O conceito de formação cultural (*Bildung*) em Hegel.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, p. 203, 2013.

NÓBREGA, Francisco P. **Compreender Hegel.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NOVELLI, P. G. **O conceito de Educação em Hegel.** Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.9, p.65-88, 2001.

PAVIANI, Jayme. **Platão e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PICASSO, Pablo. **As Perguntas da vida**. 1922. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Mulheres+correndo+na+praia+Picasso&tbm=isch&ved=2ahUKEwiGvM6h3fDxAhXOpJUCHc5EDJEQ2cCegQIABAA&oq=Mulheres+correndo+na+praia+Picasso&gs_lcp=CgNpbWcQA1CLCVihFGDkFWgAcAB4AIABowGIAekIkgEDMC44mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&sclient=img&ei=6EX2YlaoEc7J1sQPzomxiAk&bih=625&biw=1366&hl=pt-BR#imgrc=of7AN0qZR0FtEM. Acesso em: 20. jul. 2020.

SCHLICKMANN, Denise. **Liberdade**. Disponível em: https://www.google.com/search?q=Liberdade%E2%80%9D+de+Denise+Schlickmann&hl=ptBR&sxsrf=ALeKk01xQ7bjkOX8_aMi_Kkjl8N7fJSWw:1626752091310&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiQjaTk2_DxAhUeIrkgHs84CbsQ_AUoA3oECAEQBQ&biw=1366&bih=625#imgrc=HHSscJ1u6satrQM. Acesso em: 20. jul. 2020.

SCHNEIDER, Cátia Regina de Oliveira; NEOTTI, Marcos. **A Educação na Idade Média**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, 2007. Disponível em: <https://www.fernandosantiago.com.br/edumedia.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22^a.ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, André Gustavo Ferreira da. **Hegel e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SUAREZ, Rosana. **Nota Sobre o Conceito de Bildung (Formação Cultural)**. KRITERION, Belo Horizonte, nº 112, Dez/2005, p. 191-198.

TEIXEIRA, Evilazio F. Borges. **A Educação do Homem Segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VAZ, Henrique C. de L. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1991.

APÊNDICE A – AULA 1: FELICIDADE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**



HELDER FRANCISCO BEZERRA DE BARROS

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

AULA 1: **FELICIDADE**

7º ANO

Análise e interpretação da Poesia “Felicidade?” da Banda O Teatro Mágico.

Felicidade?

Disse o mais tolo: "Felicidade não existe."

O intelectual: "Não no sentido lato."

O empresário: "Desde que haja lucro."

O operário: "Sem emprego, nem pensar!"

O cientista: "Ainda será descoberta."

O místico: "Está escrito nas estrelas."

O político: "Poder"

A igreja: "Sem tristeza? Impossível.... (Amém)"

O poeta riu de todos,

E por alguns minutos...

Foi feliz!

A Felicidade é um tema que sempre despertou inúmeras reflexões durante todo processo histórico. Muitos filósofos se dedicaram na busca por respostas e até mesmo por uma própria definição de Felicidade. Analisando a poesia acima e seguindo os conceitos filosóficos em aula trabalhados, qual análise podemos fazer sobre a contribuição da Educação para a compreensão da Felicidade?

APÊNDICE B – AULA 2: LIBERDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



HELDER FRANCISCO BEZERRA DE BARROS

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

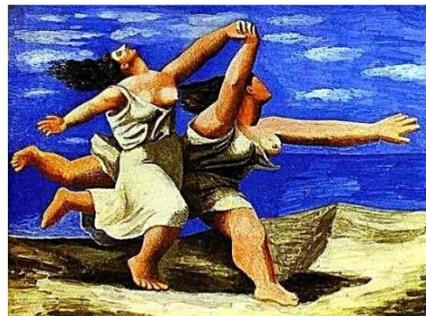
AULA 2: **LIBERDADE**

8º ANO

Análise e interpretação de obra de arte



LIBERDADE
DENISE SCHLICKMANN



AS PERGUNTAS DA VIDA
PABLO PICASSO



A LIBERDADE GUIANDO O POVO
EUGÈNE DELACROIX

A liberdade é um tema que sempre despertou inúmeras reflexões durante todo processo histórico. Muitos filósofos se dedicaram na busca por respostas e até mesmo por uma própria definição de liberdade. Analisando as obras acima, de diversos tempos históricos e seguindo os conceitos filosóficos em aula trabalhados, qual análise pode fazer sobre a contribuição da Educação para a compreensão de liberdade?

APÊNDICE C – AULA 3: A VIDA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**



HELDER FRANCISCO BEZERRA DE BARROS

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

**AULA 3: A VIDA
9º ANO**

Análise e interpretação do texto extraído da obra “Escritos Pedagógicos” de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831).

“[...] e que toda a nossa vida não é outra coisa do que aprender a compreender de forma cada vez mais profunda o seu significado e a sua extensão, a vê-los refletidos através de exemplos continuamente renovados e só então saber, de uma forma cada vez mais profunda e detalhada, a grande amplitude de seu significado, o caráter determinado de sua aplicação.”

Escritos Pedagógicos, 1811.

A Vida é um tema que sempre despertou inúmeras reflexões durante todo processo histórico. Muitos filósofos se dedicaram na busca por respostas e até mesmo por uma própria definição do que é a Vida. Analisando o trecho de um dos textos de Friedrich Hegel acima mencionado e seguindo os conceitos filosóficos em aula trabalhados, qual análise podemos fazer sobre a contribuição da Educação para a compreensão da vida?
